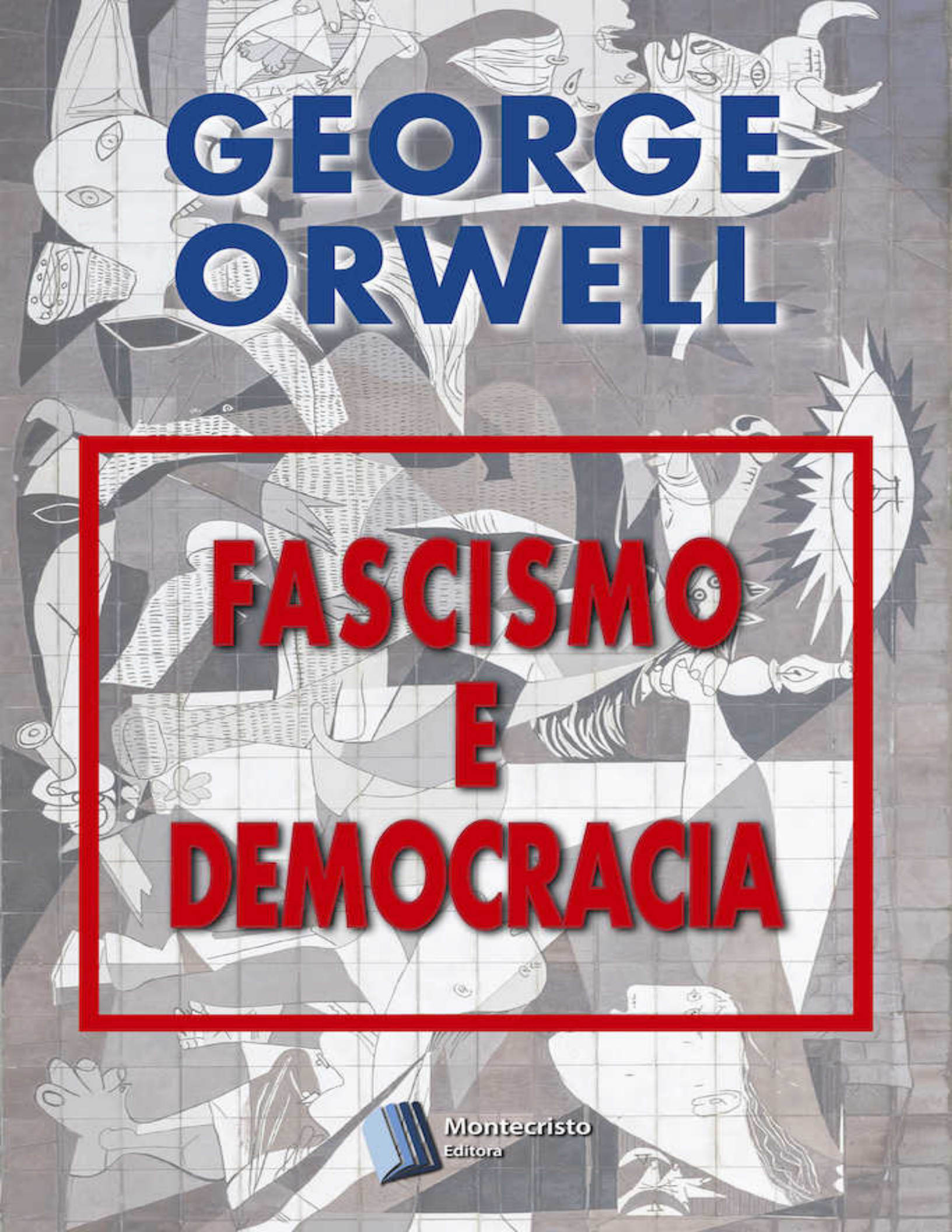


A complex cubist illustration in shades of gray and white, featuring fragmented faces, hands, and abstract shapes. The style is reminiscent of Pablo Picasso's work. The text is overlaid on this background.

GEORGE ORWELL

FASCISMO E DEMOCRACIA



Montecristo
Editora

GEORGE ORWELL

FASCISMO E DEMOCRACIA

"O PRÓPRIO CONCEITO DE VERDADE
OBJETIVA ESTÁ DESAPARECENDO DO
MUNDO... ESTA PERSPECTIVA ME ASSUSTA
MUITO MAIS DO QUE AS BOMBAS"

Tradução e notas de
ALEXANDRE PIRES VIEIRA



©2021 Copyright Montecristo Editora - versão 24.02.2021

GEORGE ORWELL

FASCISMO E DEMOCRACIA

Título Original

Fascism and Democracy

Supervisão de Editoração/Capa

Montecristo Editora

Tradução

Alexandre Pires Vieira

Revisão

Renata Russo Blazek

Imagem da Capa

Montagem sobre Mural: "Guernica" de Picasso

ISBN:

978-1-61965-226-2 – Edição Digital

978-1-61965-241-5 – Edição Impressa

Montecristo Editora Ltda.

e-mail: editora@montecristoeditora.com.br



Louvor

“O maior escritor britânico desde 1945”, **The Times**

“A coragem e integridade de Orwell brilham em cada página”, **Daily Telegraph**

“Qualquer pessoa que queira entender o século XX terá sempre que ler Orwell”, **New York Review of Books**

“Um escritor que ainda é brilhantemente contemporâneo... Orwell disse a verdade”, **Christopher Hitchens**

“Um escritor que pode – e deve – ser redescoberto em cada época”, **Irish Times**

“O olhar incansável de Orwell foi muitas vezes devastadoramente perceptivo... um homem que olhou para seu mundo com admiração e escreveu exatamente o que viu, em prosa admirável”, **John Mortimer**

“O estilo de prosa inglesa mais claro e atraente deste século”, **John Carey, Sunday Times**

“Meu herói”, **Margaret Atwood**

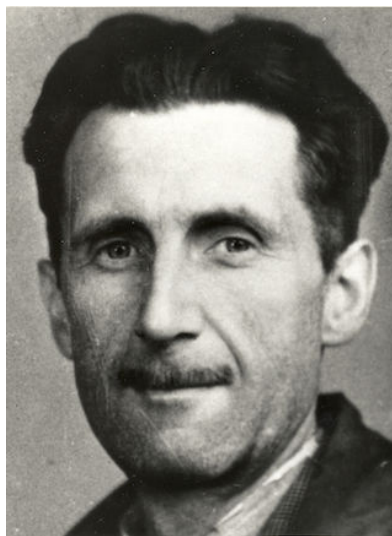


Sobre o Autor

Eric Arthur Blair (1903-1950), mais conhecido por seu pseudônimo, **George Orwell**, nasceu na Índia, onde seu pai trabalhava para a Administração Pública. Autor, jornalista e ensaísta político, Orwell foi uma das figuras mais proeminentes e influentes da literatura do século vinte. Sua obra é marcada por uma inteligência perspicaz e bem-humorada, uma consciência profunda das injustiças sociais, uma intensa oposição ao totalitarismo e uma paixão pela clareza da escrita.

Sua singular alegoria política “A revolução dos bichos”, juntamente com a distopia “1984”, lhe rendeu fama mundial. A influência de Orwell na cultura contemporânea, tanto popular quanto política, perdura até hoje. Vários neologismos criados por ele, assim como o termo *orwelliano* — palavra usada para definir qualquer prática social autoritária ou totalitária — já fazem parte da cultura mundial.

George Orwell se propôs a “fazer da escrita política uma arte”, e em grande medida este objetivo moldou o futuro da literatura inglesa — suas descrições de regimes autoritários ajudaram a formar um novo vocabulário que é fundamental para a compreensão do totalitarismo.



Obras de Orwell publicadas pela Montecristo:

- [Fascismo e Democracia](#)
- [Por que Escrevo](#)
- [A Revolução dos Bichos](#)



SUMÁRIO

GEORGE ORWELL FASCISMO E DEMOCRACIA

[Louvor](#)

[Sobre o Autor](#)

[Fascismo e Democracia](#)

[Literatura e totalitarismo](#)

[Liberdade do parque](#)

[Resenha da Invasão de Marte](#)

[Visões de um futuro totalitário](#)

[O que é Fascismo?](#)

[Resenha de Mein Kampf, de Adolf Hitler](#)

[Profecias do fascismo](#)

[Original em Inglês](#)

[Fascism and Democracy](#)

[Literature and Totalitarianism](#)

[Freedom of the Park](#)

[Review of The Invasion from Mars](#)

[Visions of a Totalitarian Future](#)

[What is Fascism?](#)

[Review of Mein Kampf, by Adolf Hitler](#)

[Prophecies of Fascism](#)

Bônus

I. Sobre aproveitar o tempo

LXVI. Sobre vários aspectos da virtude



Fascismo e Democracia

FEVEREIRO DE 1941

Um dos passatempos mais fáceis do mundo é desconstruir a Democracia. Neste país praticamente ninguém é obrigado a se preocupar mais com os argumentos meramente reacionários contra a regra popular contudo, durante os últimos vinte anos, a democracia “burguesa” tem sido muito mais sutilmente atacada tanto por fascistas quanto por comunistas, e é altamente significativo que estes aparentes inimigos a tenham atacado com os mesmos fundamentos. É verdade que os fascistas, com seus métodos mais ousados de propaganda, também usam, quando lhes convém, o argumento aristocrático de que a Democracia “coloca os piores homens no topo”, mas o argumento básico de todos os apologistas do totalitarismo, é que a Democracia é uma fraude. Ela não passaria de um disfarce para o governo de pequenos punhados de homens ricos. Isto não é totalmente falso, e muito menos é obviamente falso; pelo contrário, há mais para se concordar do que contrariar. Um estudante de dezesseis anos pode atacar a Democracia muito melhor do que ele é capaz de defendê-la. E não se pode rebatê-lo a menos que se conheça o “argumento antidemocrático” e se esteja disposto a admitir a grande medida de verdade que este argumento contém.

Para começar, sempre se critica a democracia “burguesa”, dizendo-se que ela é enfraquecida pela desigualdade econômica. Qual é a utilidade da assim chamada liberdade política para um homem que trabalha 12 horas por dia por três libras por semana?¹ Uma vez a cada cinco anos ele pode ter a chance de votar em seu partido favorito, mas pelo resto do tempo, praticamente todos os detalhes de sua vida são ditados por seu empregador. E na prática, sua vida política também é ditada por ele. A classe monárquica pode manter todos os trabalhos ministeriais e oficiais importantes em suas próprias mãos e pode trabalhar o sistema eleitoral a seu favor subornando o eleitorado, direta ou indiretamente. Mesmo quando, por algum infortúnio, um governo representando as classes mais pobres chega ao poder, os ricos geralmente podem chantageá-lo, ameaçando com a exportação de capital. O

mais importante de tudo é que quase toda a vida cultural e intelectual da comunidade – jornais, livros, educação, filmes, rádio – é controlada por homens com dinheiro que têm o mais forte motivo para impedir a disseminação de certas ideias. O cidadão de um país democrático é “condicionado” desde o nascimento, de forma menos rígida, mas muito mais eficaz do que seria em um estado totalitário.

E não há certeza de que a dominação por uma classe privilegiada possa jamais ser quebrada por meios puramente democráticos. Em teoria, um governo trabalhista poderia assumir o poder com uma clara maioria e proceder imediatamente para estabelecer o socialismo por meio de um ato do Parlamento. Na prática, as classes abastadas rebelariam e provavelmente com sucesso, porque teriam a maioria dos oficiais efetivos e os homens-chave das forças armadas do seu lado. Os métodos democráticos só são possíveis quando existe uma base bastante ampla de acordo entre todos os partidos políticos. Não há nenhuma razão forte para pensar que alguma mudança realmente fundamental possa ser alcançada pacificamente.

Mais uma vez, argumenta-se frequentemente que toda a fachada da democracia – liberdade de expressão e de reunião, sindicatos independentes e assim por diante – deve ruir assim que as classes economicamente mais favorecidas não estejam mais em condições de fazer concessões a seus funcionários. A “liberdade” política, diz-se, é simplesmente um suborno, um substituto sem sangue para a Gestapo. É fato que os países que chamamos de democráticos são geralmente países prósperos – na maioria dos casos estão explorando mão-de-obra estrangeira barata, direta ou indiretamente – e também, que a democracia como a conhecemos nunca existiu, exceto em países marítimos ou montanhosos, ou seja, países que podem se defender sem a necessidade de um enorme exército permanente. A democracia acompanha, ou provavelmente exige, condições favoráveis de vida; ela nunca floresceu em estados pobres e militarizados. Tire a posição abrigada da Inglaterra, assim se diz, e a Inglaterra voltará imediatamente a métodos políticos tão bárbaros como os da Romênia. Além disso, todo governo, democrático ou totalitário, repousa, em última instância, na força. Nenhum governo, a menos que pretenda ser conivente com sua própria derrubada, pode demonstrar ou demonstra o menor respeito pelos “direitos” democráticos quando é seriamente ameaçado. Um país

democrático que luta uma guerra desesperada é forçado, tanto quanto uma autocracia ou um Estado fascista, a recrutar soldados, coagir o trabalho, prender derrotistas, reprimir jornais sediciosos; em outras palavras, ele só pode se salvar da destruição deixando de ser democrático. As coisas pelas quais deveria estar lutando são sempre descartadas assim que a luta começa.

Esse, resumidamente, é o argumento contra a Democracia “burguesa”, utilizado tanto por fascistas quanto por comunistas, embora com diferenças de ênfase. Em cada ponto é preciso admitir que ele contém muita verdade. E no entanto, por que ele, em última análise, é falso? – quase todas as pessoas criadas em um país democrático sabem quase instintivamente que há algo errado com toda esta linha de argumentação.

O erro deste conhecido rebaixamento da Democracia é que ele não pode explicar todos os fatos. As diferenças reais na atmosfera social e no comportamento político entre os países são muito maiores do que pode ser explicado por qualquer teoria que anula leis, costumes, tradições, etc., como mera “superestrutura”. No papel, é muito simples demonstrar que a Democracia é “apenas o mesmo que” (ou “apenas tão ruim quanto”) totalitarismo. Há campos de concentração na Alemanha; mas existem também campos de concentração na Índia. Os judeus são perseguidos onde quer que o fascismo reine; mas e quanto às leis de segregação na África do Sul?² A honestidade intelectual é um crime em qualquer país totalitário; mas mesmo na Inglaterra não é exatamente lucrativo falar e escrever a verdade. Estes paralelos podem ser estendidos indefinidamente. Mas o argumento implícito em toda a linha é que uma diferença de grau não é uma diferença. É bem verdade, por exemplo, que existe perseguição política em países democráticos. A questão é saber quanto. Quantos refugiados fugiram da Grã-Bretanha, ou de todo o Império Britânico, durante os últimos sete anos? E quantos da Alemanha? Quantas pessoas conhecidas pessoalmente foram espancadas com bastões de borracha ou forçadas a engolir canecas de óleo de rícino? Quão perigoso você acha que é entrar no bar mais próximo e expressar sua opinião de que esta é uma guerra capitalista e que devemos parar de lutar? Você pode apontar alguma coisa na história recente britânica ou americana que se compare com o Expurgo de Junho,³ os julgamentos trotskistas russos, o pogrom⁴ que se seguiu ao assassinato de vom Rath?⁵ Um artigo equivalente ao que estou escrevendo poderia ser impresso em

qualquer país totalitário, vermelho, marrom ou preto?⁶ O *Daily Worker*⁷ acabou de ser eliminado, mas somente após dez anos de vida, enquanto em Roma, Moscou ou Berlim ele não poderia ter sobrevivido dez dias. E durante os últimos seis meses de sua vida, a Grã-Bretanha não estava apenas em guerra, mas em uma situação mais desesperada do que em qualquer outro momento desde Trafalgar.⁸ Além disso – e este é o ponto essencial – mesmo após a supressão do *Daily Worker*, seus editores têm permissão para fazer demonstrações públicas, emitir declarações em sua própria defesa, fazer perguntas no Parlamento e conseguir o apoio de pessoas bem-intencionadas de vários matizes políticos. A “liquidação” rápida e final, que seria uma questão natural em uma dúzia de outros países, não apenas não acontece, mas a possibilidade de que isso possa acontecer mal entra na mente de alguém.

Não é particularmente significativo que os fascistas e comunistas britânicos tenham opiniões pró-Hitler; o que é significativo é que eles ousam expressá-las. Ao fazer isso, eles estão silenciosamente admitindo que as liberdades democráticas não são totalmente uma farsa. Durante os anos 1929-34 todos os comunistas ortodoxos estavam comprometidos com a crença de que o “social-fascismo” (ou seja, o socialismo) era o verdadeiro inimigo dos trabalhadores e que a democracia capitalista não era, de forma alguma, preferível ao fascismo. No entanto, quando Hitler chegou ao poder, dezenas de milhares de comunistas alemães – ainda proferindo a mesma doutrina, que não foi abandonada até algum tempo depois – fugiram para a França, Suíça, Inglaterra, EUA ou qualquer outro país democrático que os admitisse. Com suas ações, eles haviam desmentido suas palavras; eles haviam “votado com os pés”, como disse Lenin. E aí vem o melhor trunfo que a democracia capitalista tem a mostrar. É o sentimento comparativo de segurança desfrutado pelos cidadãos dos países democráticos, o conhecimento de que quando você fala de política com seu amigo não há nenhum ouvido da Gestapo colado ao buraco da fechadura, a crença de que “eles” não podem puni-lo a menos que você tenha violado a lei, a crença de que a lei está acima do Estado. Não importa que esta crença seja em parte uma ilusão – já que é, evidentemente. Pois uma ilusão generalizada, capaz de influenciar o comportamento público, é em si um fato importante. Imaginemos que o atual ou algum futuro governo britânico decidisse

acompanhar a supressão do *Daily Worker* eliminando completamente o Partido Comunista, como foi feito na Itália e na Alemanha. Muito provavelmente, eles achariam a tarefa impossível. Pois uma perseguição política desse tipo só pode ser levada a cabo por uma Gestapo completa, que não existe na Inglaterra e não poderia ser criada no momento. A atmosfera social é muito contrária a ela, o pessoal necessário não estaria disponível. Os pacifistas que nos asseguram que, se lutarmos contra o fascismo nós mesmos “passaremos a ser fascistas“, esquecem que todo sistema político tem que ser operado por seres humanos, e os seres humanos são influenciados por seu passado. A Inglaterra pode sofrer muitas mudanças degenerativas como resultado da guerra, mas ela não pode, exceto possivelmente pela conquista, ser transformada em uma réplica da Alemanha nazista. Ela pode evoluir para algum tipo de austro-fascismo, mas não para o fascismo do tipo ativo, revolucionário e maligno. O material humano necessário não está presente. Devemos isso a três séculos de segurança e ao fato de não termos sido derrotados na última guerra.⁹

Mas não estou sugerindo que a “liberdade” mencionada nos artigos principais do *Daily Worker* seja a única coisa pela qual vale a pena lutar. A democracia capitalista não é suficiente em si mesma, e mais, ela não pode ser recuperada a menos que se transforme em outra coisa. Nossos estadistas conservadores, com suas mentes moribundas, provavelmente esperam e acreditam que o resultado de uma vitória britânica será simplesmente um retorno ao passado: outro Tratado de Versalhes e depois a retomada da vida econômica “normal”, com milhões de desempregados, a caça aos veados nos pântanos escoceses, o jogo de Eton e Harrow em 11 de julho,¹⁰ etc., etc. Os teóricos antiguerra da extrema esquerda temem ou professam temer a mesma coisa. Mas essa é uma concepção estática, que falha mesmo nesta data, em compreender o poder da criatura contra a qual estamos lutando. O nazismo pode ou não ser um disfarce para o capitalismo monopolista, mas de qualquer forma não é capitalista no sentido do século XIX. Ele é governado pela espada e não pelo talão de cheques. É uma economia centralizada, racionalizada para a guerra e capaz de utilizar ao máximo a mão-de-obra e as matérias primas que comanda. Um estado capitalista antiquado, com todas as suas forças puxando em diferentes direções, com armamentos retidos em nome do lucro, idiotas incompetentes ocupando

altas posições por direito de nascimento e atritos constantes entre as classes, obviamente não pode competir com esse tipo de coisa. Se a campanha da Frente Popular tivesse sido bem sucedida e a Inglaterra tivesse se unido à França e à URSS há dois ou três anos para uma guerra preventiva – ou ameaça de guerra – contra a Alemanha, o capitalismo britânico talvez tivesse recebido um novo sopro de vida. Mas isso não aconteceu e Hitler teve tempo para se armar ao máximo e conseguiu afastar seus inimigos. Por pelo menos mais um ano, a Inglaterra deve lutar sozinha e contra probabilidades muito pesadas. Nossas vantagens são, em primeiro lugar, a força naval e, em segundo lugar, o fato de que nossos recursos são, a longo prazo, muito maiores – se pudermos utilizá-los. Mas só podemos utilizá-los se transformarmos nosso sistema social e econômico por completo. A produtividade do trabalho, a moral de nossa frente de batalha, a atitude em relação aos povos de cor e das populações europeias conquistadas, tudo depende, em última análise, da possibilidade de provarmos ser falsa a acusação de Goebbels de que a Inglaterra é meramente uma plutocracia egoísta que luta pelo status quo. Pois se continuarmos sendo essa plutocracia – e as imagens de Goebbels não são totalmente falsas – seremos conquistados. Se eu tivesse que escolher entre a Inglaterra de Chamberlain e o tipo de regime que Hitler quer nos impor, escolheria a Inglaterra de Chamberlain sem hesitar um momento. Mas essa alternativa não existe de fato. Dito de maneira grosseira, a escolha é entre o socialismo e a derrota. Devemos ir adiante, ou perecer.

No verão passado, quando a situação da Inglaterra estava mais obviamente desesperadora do que agora, houve uma tomada de consciência generalizada deste fato. Se o humor dos meses de verão desapareceu, é em parte porque as coisas se revelaram menos desastrosas do que a maioria das pessoas então esperavam, mas em parte também porque não existia nenhum partido político, jornal ou indivíduo notável para dar voz e direção ao descontentamento geral. Não havia ninguém capaz de explicar – de forma a conseguir público que o ouvisse – porque estávamos na confusão que estávamos e qual era o caminho para sair dela. O homem que mobilizou a nação foi Churchill, um homem dotado e corajoso, mas um patriota do tipo limitado e tradicional. Na verdade, Churchill disse simplesmente: “Estamos lutando pela Inglaterra”, e o povo se reuniu para segui-lo. Alguém poderia

tê-los sensibilizado ao dizer: ‘Estamos lutando pelo socialismo’? Eles sabiam que tinham sido decepcionados, sabiam que o sistema social existente estava todo errado e que queriam algo diferente – mas era o socialismo que eles queriam? O que seria o socialismo, afinal? Até hoje a palavra tem apenas um significado vago para a grande massa da população inglesa; certamente não tem nenhum apelo emocional. Os homens não morrerão por isso como eles morrerão pelo Rei e pelo País. Por mais que se admire Churchill – e eu pessoalmente sempre o admirei como homem e como escritor, apesar de sua política não me agradar – e por mais grato que se sinta pelo que ele fez no verão passado, não é um comentário assustador a respeito do movimento socialista inglês que nesta data, no momento do desastre, o povo ainda olhe para um Conservador para liderá-lo?

O que a Inglaterra nunca teve é um partido socialista que tivesse significado para as pessoas e levasse em conta as realidades contemporâneas.

Quaisquer que sejam os programas que o Partido Trabalhista possa emitir, tem sido difícil ao longo de dez anos acreditar que seus líderes esperavam ou até mesmo desejavam ver qualquer mudança fundamental em sua própria vida. Consequentemente, um sentimento tão revolucionário como o que existia no movimento de esquerda se infiltrou em vários becos sem saída, dos quais o comunista foi o mais importante. O comunismo foi, desde o início, uma causa perdida na Europa ocidental e os partidos comunistas dos vários países rapidamente se transformaram em meros agentes publicitários do regime russo. Nesta situação, eles foram forçados não apenas a mudar suas opiniões mais fundamentais a cada mudança da política russa, mas a insultar cada instinto e cada tradição do povo que eles tentavam liderar. Depois de uma guerra civil, duas fomes e de uma purga, a pátria adotada se instalou no regime oligárquico, na censura rígida das ideias e na adoração servil de um Führer. Em vez de apontar que a Rússia era um país atrasado com o qual poderíamos aprender, mas que não se podia esperar que imitasse, os comunistas foram obrigados a fingir que as purgas, “limpezas”, etc. eram sintomas salutares que qualquer pessoa de bom senso gostaria de ver transferidos para a Inglaterra. Naturalmente, as pessoas que podiam ser atraídas por tal credo e permanecer fiéis a ele depois de terem compreendido sua natureza, tendiam a ser neuróticos ou malignos, pessoas fascinadas pelo espetáculo de crueldade bem sucedida.

Na Inglaterra eles não conseguiam obter nenhum seguimento estável de massa. Mas poderiam ser, e continuam sendo, um perigo, pela simples razão de que não há outro corpo de pessoas que se intitula revolucionário. Se você está descontente, se quer derrubar o sistema social existente pela força e se deseja aderir a um partido político prometido para este fim, então você deve aderir aos comunistas; efetivamente não há mais ninguém. Eles não alcançarão seus próprios fins, mas podem alcançar os de Hitler. Não se imagina, por exemplo, que a chamada Convenção do Povo ganhe poder na Inglaterra, mas pode espalhar derrotismo o suficiente para ajudar muito Hitler em algum momento crítico. E entre a Convenção do Povo, por um lado, e o tipo de patriotismo do “meu país certo ou errado”, por outro, não existe atualmente nenhuma política convincente.

Quando o verdadeiro movimento socialista inglês aparecer – deve aparecer se não quisermos ser derrotados, e a base para ele já está lá nas conversas em um milhão de bares e abrigos antiaéreos – ele atravessará as divisões partidárias existentes. Será ao mesmo tempo revolucionário e democrático. Visará as mudanças mais fundamentais e estará perfeitamente disposto a usar a violência, se necessário. Mas também reconhecerá que nem todas as culturas são iguais, que os sentimentos e tradições nacionais têm que ser respeitados para que as revoluções não falhem, que a Inglaterra não é a Rússia – ou a China, ou a Índia. Compreenderá que a democracia britânica não é uma farsa, não é simplesmente uma “superestrutura”, pelo contrário, é algo extremamente valioso que deve ser preservado e ampliado e, acima de tudo, não deve ser insultado. É por isso que gastei tanto espaço acima para responder aos argumentos já conhecidos contra a Democracia “burguesa”. A democracia burguesa não é suficiente, mas é muito melhor do que o fascismo, e trabalhar contra ela é serrar o galho em que você está sentado. As pessoas comuns sabem disso, mesmo que os intelectuais não saibam. Eles se agarram muito firmemente à ‘ilusão’ da Democracia e à concepção ocidental de honestidade e decência comum. Não adianta apelar para eles em termos de ‘realismo’ e política de poder, pregando as doutrinas de Maquiavel no jargão de Lawrence e Wishart.¹¹ O máximo que se pode alcançar é a confusão do tipo que Hitler deseja. Qualquer movimento que possa reunir a massa do povo inglês deve ter como chave os valores democráticos que o marxista doutrinário escreve como ‘ilusão’ ou

‘superestrutura’. Ou eles produzirão uma versão de socialismo mais ou menos de acordo com seu passado, ou serão conquistados por estrangeiros, com resultados imprevisíveis, mas certamente horríveis. Quem tenta minar a fé na Democracia, para acabar com o código moral que deriva dos séculos protestantes e da Revolução Francesa, não está preparando o poder para si mesmo, embora possa estar preparando-o para Hitler – um processo que temos visto se repetindo tantas vezes na Europa, que equivocar-se sobre a sua natureza não é mais desculpável.

The Left News , em fevereiro de 1941



Literatura e totalitarismo

MAIO DE 1941

Nestas palestras semanais, tenho falado sobre criticismo, o que, quando tudo é dito e feito, não faz parte da corrente principal da literatura. Uma literatura vigorosa pode existir quase sem crítica e sem o espírito crítico, como acontecia na Inglaterra do século XIX. Mas há uma razão pela qual, neste momento particular, os problemas envolvidos em qualquer criticismo sério não podem ser ignorados. Eu disse no início da minha primeira palestra, que esta não é uma era crítica. É uma era de partidarismo e não de desprendimento, uma era em que é especialmente difícil ver o mérito literário em um livro de cujas conclusões você discorda. A política – a política no sentido mais geral – invadiu a literatura a um ponto que normalmente não acontece, e isto trouxe à tona de nossa consciência a luta que sempre se trava entre o indivíduo e a comunidade. É quando se considera a dificuldade de escrever críticas honestas e imparciais em uma época como a nossa, que se começa a compreender a natureza da ameaça que paira sobre toda a literatura na próxima era.

Vivemos em uma época em que o indivíduo autônomo deixa de existir – ou talvez se deva dizer, em que o indivíduo deixa de ter a ilusão de ser autônomo. Agora, em tudo o que dizemos sobre literatura, e sobretudo em tudo o que dizemos sobre criticismo, instintivamente tomamos o indivíduo autônomo como certo. Toda a literatura moderna europeia – estou falando da literatura dos últimos quatrocentos anos – é construída sobre o conceito de honestidade intelectual ou, se você gosta de colocar dessa forma, sobre a máxima de Shakespeare: “Para que o seu próprio eu seja verdadeiro”. A primeira coisa que pedimos a um escritor é que ele não diga mentiras, que ele diga o que realmente pensa, o que realmente sente. A pior coisa que podemos dizer sobre uma obra de arte é que ela não é sincera. E isto é ainda mais verdadeiro nas críticas do que na literatura artística, na qual uma certa dose de postura e maneirismo e até mesmo uma certa quantidade de malabarismos, não importam, desde que o escritor tenha uma certa

sinceridade fundamental. A literatura moderna é essencialmente uma coisa individual. Ou é a expressão verdadeira do que um homem pensa e sente, ou não é nada.

Como digo, tomamos esta noção como certa e, no entanto, assim que a colocamos em palavras, nos damos conta de como a literatura é ameaçada. Pois esta é a era do Estado totalitário, que não permite e provavelmente não pode permitir ao indivíduo nenhuma liberdade, seja ela qual for. Quando se menciona o totalitarismo, pensa-se imediatamente na Alemanha, na Rússia, na Itália, mas eu acho que se deve enfrentar o risco de que este fenômeno venha a ser mundial. É óbvio que o período do capitalismo livre está chegando ao fim e que um país após o outro está adotando uma economia centralizada, que se pode chamar de Socialismo ou Capitalismo de Estado, de acordo com a preferência de cada um. Com isso, a liberdade econômica do indivíduo e, em grande parte, sua liberdade de fazer o que quiser, de escolher seu próprio trabalho, de ir e vir através da superfície da terra, chega ao fim. Agora, até recentemente, as implicações disto não eram previstas. Nunca foi totalmente compreendido que o desaparecimento da liberdade econômica teria qualquer efeito sobre a liberdade intelectual. O socialismo era geralmente pensado como uma espécie de liberalismo moralizado. O Estado se encarregaria de sua vida econômica e o libertaria do medo da pobreza, do desemprego e assim por diante, mas não teria necessidade de interferir em sua vida intelectual privada. A arte poderia florescer como na era liberal-capitalista, só que um tanto mais, porque o artista não estaria mais sob pressões econômicas.

Agora, sobre as evidências existentes, é preciso admitir que estas ideias foram falsificadas. O totalitarismo aboliu a liberdade de pensamento em uma medida inaudita em qualquer época anterior. E é importante perceber que seu **controle do pensamento não é apenas negativo, mas positivo. Ele não apenas proíbe você de expressar – até mesmo de pensar – certos pensamentos, mas dita o que você deve pensar, cria uma ideologia para você, tenta governar sua vida emocional, bem como estabelecer um código de conduta.** E, na medida do possível, isola-o do mundo exterior, fecha-o em um universo artificial no qual você não tem padrões de comparação. O Estado totalitário tenta, de qualquer forma, controlar os pensamentos e as emoções de seus sujeitos, de modo pelo

menos tão completo quanto controla suas ações.

A questão que é importante para nós é: será que a literatura pode sobreviver em tal atmosfera? Penso que se deve responder rapidamente que não pode. Se o totalitarismo se tornar mundial e permanente, o que temos conhecido como literatura deve chegar ao fim. E não servirá – como pode parecer plausível no início – dizer que o que chegará ao fim é apenas a literatura da Europa pós-renascentista. Creio que a literatura de todo tipo, desde o poema épico até o ensaio crítico, é ameaçada pela tentativa do estado moderno de controlar a vida emocional do indivíduo. As pessoas que negam isso geralmente apresentam dois argumentos. Dizem, antes de tudo, que a chamada liberdade que existiu durante os últimos cem anos foi apenas um reflexo da anarquia econômica e, de qualquer forma, em grande parte uma ilusão. E eles também apontam que a boa literatura, melhor do que qualquer coisa que possamos produzir agora, foi produzida em épocas passadas, quando o pensamento não era mais livre do que é na Alemanha ou na Rússia neste momento. Agora, isto é verdade até agora. É verdade, por exemplo, que a literatura poderia existir na Europa medieval, quando o pensamento estava sob rígido controle – principalmente o controle da Igreja – e você estava sujeito a ser queimado vivo por ter proferido uma heresia muito pequena. O controle dogmático da Igreja não impediu, por exemplo, que se escrevessem os Contos de Cantuária de Chaucer.¹² Também é verdade que a literatura medieval, e a arte medieval em geral, era menos uma coisa individual e mais uma coisa comunitária do que é agora. As baladas inglesas, por exemplo, provavelmente não podem ser atribuídas a nenhum indivíduo. Elas foram provavelmente compostas comunitariamente, como tenho visto baladas sendo compostas em países do leste muito recentemente. Evidentemente, a liberdade anárquica que tem caracterizado a Europa dos últimos cem anos, o tipo de atmosfera em que não há padrões fixos, não é necessária, talvez nem sequer seja uma vantagem, para a literatura. Uma boa literatura pode ser criada dentro de uma estrutura fixa de pensamento.

Mas existem várias diferenças vitais entre o totalitarismo e todas as ortodoxias do passado, seja na Europa ou no Oriente. O mais importante é que as ortodoxias do passado não se alteraram, ou pelo menos não se alteraram rapidamente. Na Europa medieval, a Igreja ditou aquilo em que se

deve acreditar, mas pelo menos permitiu manter as mesmas crenças desde o nascimento até a morte. Ela não lhe disse para acreditar numa coisa na segunda-feira e noutra na terça-feira. E o mesmo é mais ou menos verdadeiro para qualquer cristão ortodoxo, hinduísta, budista ou muçulmano de hoje. Em certo sentido, seus pensamentos são circunscritos, mas ele passa toda sua vida dentro da mesma estrutura de pensamento. Suas emoções não são adulteradas. Agora, com o totalitarismo é exatamente o oposto. A peculiaridade do estado totalitário é que, embora ele controle o pensamento, ele não o corrige. Ele estabelece dogmas inquestionáveis e os altera de um dia para o outro. Ele precisa dos dogmas, porque precisa da obediência absoluta de seus súditos, mas não pode evitar as mudanças, que são ditadas pelas necessidades da política de poder. Declara-se infalível e, ao mesmo tempo, ataca o próprio conceito de verdade objetiva. Para tomar um exemplo rude e óbvio, todo alemão até setembro de 1939 tinha que encarar o bolchevismo russo com horror e aversão, e desde setembro de 1939 ele tem que encará-lo com admiração e carinho.¹³ Se a Rússia e a Alemanha entrarem em guerra, como podem muito bem fazer dentro dos próximos anos, outra mudança igualmente violenta terá que ocorrer. Espera-se que a vida emocional do alemão, seus amores e ódios, quando necessário, se revertam da noite para o dia. Não preciso apontar o efeito deste tipo de coisa sobre a literatura. Pois escrever é em grande parte uma questão de sentimento, que nem sempre pode ser controlada de fora. É fácil fazer um discurso vazio para agradar a ortodoxia do momento, mas a escrita de qualquer consequência só pode ser produzida quando um homem sente a verdade do que está dizendo; sem isso, falta o impulso criativo. Todas as evidências que temos sugerem que as mudanças emocionais repentinas que o totalitarismo exige de seus seguidores são psicologicamente impossíveis. E essa é a principal razão pela qual sugiro que, se o totalitarismo triunfar no mundo inteiro, a literatura, como a conhecemos, está no fim. E, de fato, o totalitarismo parece ter tido esse efeito até agora. Na Itália, a literatura tem sido aleijada e na Alemanha, parece ter quase cessado. A atividade mais característica dos nazistas é a queima de livros. E mesmo na Rússia, o renascimento literário que antes esperávamos não aconteceu e os escritores russos mais promissores mostram uma marcada tendência a cometer suicídio ou desaparecer na prisão.

Eu disse anteriormente que o capitalismo liberal está obviamente chegando ao fim e, portanto, eu posso ter sugerido que a liberdade de pensamento também está inevitavelmente condenada. Mas não acredito que seja assim, e direi simplesmente, para concluir, que acredito que a esperança de sobrevivência da literatura está naqueles países nos quais o liberalismo atingiu suas raízes mais profundas, os países não militares, a Europa Ocidental e as Américas, a Índia e a China. Acredito – talvez não seja mais do que uma esperança piedosa – que embora uma economia coletivizada esteja por vir, esses países saberão como desenvolver uma forma de socialismo que não seja totalitária, na qual a liberdade de pensamento possa sobreviver ao desaparecimento do individualismo econômico. Essa, de qualquer forma, é a única esperança à qual qualquer pessoa que se preocupa com a literatura pode se apegar. Quem sente o valor da literatura, quem vê o papel central que ela desempenha no desenvolvimento da história humana, deve também ver a necessidade de vida e morte de resistir ao totalitarismo, seja ele imposto a nós de fora ou de dentro.

Rádio BBC, em 21 de maio de 1941



Liberdade do parque

DEZEMBRO DE 1945

Há algumas semanas, cinco pessoas que estavam vendendo jornais fora do Hyde Park¹⁴ foram presas pela polícia por obstrução. Quando levados perante o magistrado, todos foram considerados culpados, sendo quatro deles presos por seis meses e o outro condenado a quarenta xelins de multa ou a um mês de prisão. Ele preferiu cumprir seu tempo de prisão, então suponho que ainda esteja na cadeia neste momento.

Os jornais que estas pessoas estavam vendendo eram *Peace News*, *Forward* e *Freedom*, além de outras literaturas do gênero. *Peace News* é o órgão da União da Paz, *Liberdade* (até recentemente chamado de *Comentário de Guerra*) é o dos Anarquistas: como *Forward*, sua política desafia a definição, mas de qualquer forma é violentamente de esquerda. O magistrado, em sentença transitória, declarou que não foi influenciado pela natureza da literatura que estava sendo vendida: ele estava preocupado apenas com o fato da obstrução, e que esta ofensa tinha sido tecnicamente cometida.

Isto levanta vários pontos importantes. Para começar, qual é a posição da lei sobre o assunto? Até onde entendo, vender jornais na rua é uma obstrução técnica, de qualquer forma, se você não sai da rua quando a polícia lhe manda. Portanto, seria legalmente possível, para qualquer policial que quisesse, prender qualquer jornaleiro por vender o *Evening News*. Obviamente isto não acontece, de modo que a aplicação da lei depende da discricção da polícia.

E o que leva a polícia a decidir prender um homem em vez de outro? Por mais que possa ter sido com o magistrado, acho difícil acreditar que neste caso a polícia não foi influenciada por considerações políticas. É um pouco coincidência demais que eles tenham escolhido pessoas vendendo apenas aqueles jornais. Se eles também tivessem prendido alguém que estava vendendo o *Truth*, ou o *Tablet*, ou o *Spectator*, ou mesmo o *Church Times*, sua imparcialidade seria mais crível.

A polícia britânica não é como uma gendarmaria continental ou a Gestapo, mas eu não acho que alguém os defrauda ao dizer que eles têm sido hostis às atividades da ala esquerda. Eles têm geralmente mostrado uma tendência a ficar do lado daqueles que eles consideravam como os defensores da propriedade privada. Houve alguns casos escandalosos na época dos distúrbios de Mosley. Na única grande reunião Mosley¹⁵ em que participei, a polícia colaborou com os *Camisas-Negras*¹⁶ em “manter a ordem”, de uma forma que certamente não teria colaborado com os socialistas ou comunistas. Até muito recentemente ‘vermelho’ e ‘ilegal’ eram quase sinônimos, e era sempre o vendedor de, digamos, o *Daily Worker*, nunca o vendedor de, digamos, o *Daily Telegraph*, que era retirado da rua e geralmente assediado. Aparentemente pode ser assim, a qualquer momento, sob um governo trabalhista.

Uma coisa que eu gostaria de saber – é uma coisa sobre a qual ouvimos muito pouco – é que mudanças são feitas no quadro administrativo quando há uma mudança de governo. O policial que tem uma vaga noção do significado de “socialismo” permanece o mesmo quando o próprio governo é socialista? É um princípio sólido que o oficial não deve ter filiações partidárias, deve servir fielmente aos sucessivos governos e não deve ser prejudicado por suas opiniões políticas. Ainda assim, nenhum governo pode se dar ao luxo de deixar seus inimigos em posições-chave, e quando o Partido Trabalhista está no poder indiscutível pela primeira vez – e, portanto, quando está assumindo uma administração formada por Conservadores – ele claramente deve fazer mudanças suficientes para evitar sabotagem. O funcionário, mesmo quando amigo do governo no poder, está muito consciente de que ele é permanente e pode frustrar os ministros de curta duração a quem ele deve servir.

Quando um governo trabalhista assumir o controle, o que acontecerá com a Scotland Yard Special Branch? Com a Inteligência Militar? Com o Serviço Consular? Com as diversas administrações coloniais – e assim por diante? Não nos dizem, mas tais sintomas não sugerem que qualquer remodelação muito extensa esteja ocorrendo. Ainda estamos representados no exterior pelos mesmos embaixadores, e a censura da BBC parece ter a mesma cor sutilmente reacionária que sempre teve. A BBC afirma, é claro, ser independente e não política. Uma vez me disseram que sua “linha”, se

houvesse, seria a de representar a ala esquerda do governo no poder. Mas isso foi nos dias do governo Churchill. Se ela representa a Ala de Esquerda do atual Governo, eu não notei o fato.

No entanto, o ponto principal deste episódio é que os vendedores de jornais e panfletos não deveriam sofrer qualquer tipo de interferência. Qual minoria em particular é destacada – sejam os Pacifistas, Comunistas, Anarquistas, Testemunhas de Jeová ou a Legião dos Reformadores Cristãos que recentemente declararam Hitler como sendo Jesus Cristo – é uma questão secundária. É de importância sintomática que essas pessoas tenham sido presas naquele local em particular. Não é permitido vender literatura dentro do Hyde Park, mas há muitos anos é comum que os vendedores de jornais se posicionem do lado de fora dos portões e distribuam literatura relacionada com as reuniões ao ar livre a cem metros de distância. Todo tipo de publicação tem sido vendida lá sem interferência.

Quanto às reuniões dentro do Parque, elas são uma das pequenas maravilhas do mundo. Em diferentes momentos escutei lá nacionalistas indianos, reformadores da Temperança, comunistas, trotskistas, o SPGB¹⁷, a Sociedade Católica de Evidência, livres-pensadores, vegetarianos, mórmons, o Exército da Salvação, o Exército da Igreja e uma grande variedade de lunáticos comuns, todos tomando sua vez na tribuna de forma ordenada e recebendo uma audiência bastante bem-humorada da multidão. É certo que Hyde Park é uma área especial, uma espécie de Alsácia¹⁸ onde opiniões ilegais são autorizadas a caminhar – ainda assim, há muito poucos países no mundo onde se pode ver um espetáculo semelhante. Conheci europeus continentais, muito antes de Hitler tomar o poder, que saíram do Hyde Park espantados e até perturbados com as coisas que tinham ouvido dizer sobre o Império Britânico.

O grau de liberdade de imprensa existente neste país é muitas vezes superestimado. Tecnicamente existe uma grande liberdade mas, o fato de a maioria da imprensa ser de propriedade de poucas pessoas, opera de forma muito semelhante a uma censura estatal. Por outro lado, a liberdade de expressão é real. Na plataforma, ou em certos espaços reconhecidos ao ar livre como o Hyde Park, pode-se dizer quase tudo e, o que talvez seja mais significativo, ninguém tem medo de expressar suas verdadeiras opiniões em bares, em paradas de ônibus e assim por diante.

A questão é que a liberdade relativa que desfrutamos depende da opinião pública. A lei não é proteção. Os governos fazem leis, mas se elas são cumpridas, e como a polícia se comporta, depende do temperamento geral do país. Se um grande número de pessoas estiver interessado na liberdade de expressão, haverá liberdade de expressão, mesmo que a lei a proíba; se a opinião pública for preguiçosa, as minorias inconvenientes serão perseguidas, mesmo que existam leis que as protejam. O declínio no desejo de liberdade intelectual não foi tão acentuado como eu previa há seis anos, quando a guerra estava começando, mas ainda assim houve um declínio. A noção de que certas opiniões não podem ser ouvidas com segurança está crescendo. É dada moeda de troca por intelectuais que confundem a questão ao não distinguir entre oposição democrática e rebelião aberta, e se reflete em nossa crescente indiferença à tirania e à injustiça no exterior. E mesmo aqueles que se declaram a favor da liberdade de opinião, geralmente abandonam sua reivindicação quando são seus próprios adversários que estão sendo perseguidos.

Não estou sugerindo que a prisão de cinco pessoas por venderem jornais inofensivos seja uma grande calamidade. Quando você vê o que está acontecendo no mundo hoje, não parece valer a pena gritar sobre um incidente tão minúsculo. Mesmo assim, não é um bom sintoma que tais coisas aconteçam quando a guerra estiver bem terminada, e eu deveria me sentir mais feliz se isso, e a longa série de episódios semelhantes que a precederam, fossem capazes de levantar um genuíno clamor popular, e não apenas uma leve agitação em seções da imprensa minoritária.

Tribuna, em 7 de dezembro de 1945



Resenha da Invasão de Marte

OUTUBRO DE 1940

Há quase dois anos o Sr. Orson Welles produziu na Columbia Broadcasting System (CBS), em Nova York, uma peça de rádio baseada na fantasia de H. G. Wells “*A Guerra dos Mundos*”. A transmissão não foi concebida como um embuste, mas teve um resultado surpreendente e imprevisto. Milhares de pessoas confundiram-na com uma transmissão de notícias e realmente acreditaram por algumas horas que os marcianos tinham invadido a América e estavam marchando pelo campo em pernas de aço de cem pés de altura, massacrando tudo e todos com seus raios de calor. Alguns dos ouvintes estavam tão apavorados que saltaram para dentro de seus carros e fugiram. Os números exatos são, é claro, indisponíveis, mas os compiladores desta pesquisa (foi feita por um dos departamentos de pesquisa de Princeton) têm motivos para pensar que cerca de seis milhões de pessoas ouviram a transmissão e que bem mais de um milhão foi, em algum grau, afetada pelo pânico.

Na época, este caso causou divertimento em todo o mundo e a credulidade dos americanos foi muito comentada. No entanto, a maioria dos relatos que apareceram no exterior foram de certa forma enganosos. O texto da produção de Orson Welles é dado na íntegra, e parece que, além do anúncio de abertura e de um diálogo no final, toda a peça é feita na forma de boletins informativos, ostensivamente informativos com nomes de emissoras a eles anexados. Este é um método bastante natural de produzir uma peça desse tipo, mas também era natural que muitas pessoas que por acaso ligaram o rádio após o início da peça imaginassem que estavam ouvindo uma transmissão de notícias. Havia, portanto, dois atos de crença distintos envolvidos: (i) que a peça era um boletim de notícias, e (ii) que um boletim de notícias pode ser tomado como verdadeiro. E é justamente aqui que reside o interesse da investigação.

Nos EUA, o rádio é o principal veículo de notícias. Há um grande número de estações de transmissão e praticamente todas as famílias possuem um

rádio. Os autores até fazem a surpreendente declaração de que é mais comum possuir um rádio do que assinar um jornal. Portanto, para transferir este incidente para a Inglaterra, talvez seja preciso imaginar as notícias da invasão marciana aparecendo na primeira página de um dos jornais vespertinos. Sem dúvida, tal coisa causaria um grande alvoroço. Sabe-se que os jornais são habitualmente inverídicos, mas também se sabe que eles não podem contar mentiras de mais do que uma certa magnitude e qualquer um que veja enormes manchetes em seu jornal anunciando a chegada de um disco voador de Marte provavelmente acreditaria no que ele leu, de qualquer forma acreditaria durante os poucos minutos necessários para se averiguar.

Realmente surpreendente, porém, foi que tão poucos dos ouvintes tentaram qualquer tipo de verificação. Os compiladores da pesquisa dão detalhes de 250 pessoas que confundiram a transmissão com um boletim de notícias. Parece que mais de um terço deles não tentaram nenhum tipo de verificação; assim que souberam que o fim do mundo estava chegando, aceitaram-no sem qualquer crítica. Alguns imaginavam que era realmente uma invasão alemã ou japonesa, mas a maioria acreditava nos marcianos, e isto incluía pessoas que só tinham ouvido falar da “invasão” pelos vizinhos, e até mesmo alguns que tinham começado já com o conhecimento de que estavam ouvindo uma peça de ficção. Aqui estão trechos de um ou dois dos depoimentos:

— Eu estava visitando a esposa do pastor quando um menino chegou e disse: “Uma estrela acabou de cair”. Ligamos o rádio – todos sentimos que o mundo estava chegando ao fim... Corri para os vizinhos para dizer-lhes que o mundo estava chegando ao fim

— Eu chamei meu marido: “Dan, por que você não se veste melhor? Você não quer morrer com suas roupas de trabalho”.

— Meu marido levou Maria para a cozinha e lhe disse que Deus nos havia colocado nesta terra para sua honra e glória e que era para Ele dizer quando era nossa hora de partir. Papai continuou chamando “Ó Deus, faça o que puder para nos salvar”.

— Olhei na geladeira e vi um pouco de frango do jantar de domingo... Disse ao meu sobrinho: “Mais vale comermos este frango – não estaremos

aqui pela manhã”.

— Eu esperava com algum prazer a destruição de toda a raça humana ... Se houver o domínio fascista do mundo, de qualquer forma não há propósito em viver.

A pesquisa não revela nenhuma explicação abrangente sobre o pânico. Tudo o que ela estabelece é que as pessoas mais prováveis de serem afetadas eram os pobres, os pouco educados e, acima de tudo, as pessoas que eram economicamente inseguras ou tinham vidas pessoais infelizes. A conexão evidente entre a infelicidade pessoal e a prontidão para acreditar no inacreditável é sua descoberta mais interessante. Observações como “Tudo está tão confuso no mundo que qualquer coisa pode acontecer” ou “desde que todos morram, está tudo bem”, são surpreendentemente comuns nas respostas ao questionário. As pessoas que estão desempregadas ou à beira da falência há dez anos podem ficar realmente aliviadas ao saber da aproximação do fim da civilização. É um estado de espírito semelhante que tem induzido nações inteiras a se atirarem nos braços de um salvador. Este livro é uma nota de rodapé para a história da depressão mundial e, apesar de ser escrito no horrível dialeto de psicólogo americano, é uma leitura muito divertida.

The New Statesman and Nation, em 26 de outubro de 1940



Visões de um futuro totalitário¹⁹

1942

A luta pelo poder entre os partidos republicanos espanhóis é uma coisa infeliz e distante, que eu não tenho nenhum desejo de reviver esta data. Menciono isso apenas para dizer: não acredite em nada, ou quase nada, do que você leu sobre assuntos internos do Governo. É tudo, de qualquer fonte, propaganda partidária – ou seja, mentiras. A ampla verdade sobre a guerra é bastante simples. A burguesia espanhola viu sua chance de esmagar o movimento operário e a tomou, auxiliada pelos nazistas e pelas forças reacionárias em todo o mundo. É duvidoso que mais do que isso venha a ser estabelecido.

Lembro-me de dizer uma vez a Arthur Koestler,²⁰ “A história parou em 1936”, ao que ele acenou com a cabeça em concordância imediata. Ambos estávamos pensando no totalitarismo em geral, mas mais particularmente na Guerra Civil Espanhola. No início da vida eu tinha notado que nenhum evento era relatado corretamente em um jornal, mas na Espanha, pela primeira vez, vi reportagens de jornais que não tinham nenhuma relação com os fatos, nem mesmo a relação que está implícita em uma mentira comum. Vi grandes batalhas noticiadas onde não havia brigas e o silêncio completo onde centenas de homens haviam sido mortos. Vi tropas que haviam lutado bravamente serem denunciadas como covardes e traidoras, e outros que nunca haviam visto um tiro disparado serem saudados como os heróis de vitórias imaginárias; e vi jornais em Londres vendendo essas mentiras e intelectuais ávidos construindo superestruturas emocionais sobre eventos que nunca haviam acontecido. Vi, de fato, a história ser narrada não em termos do que aconteceu, mas do que deveria ter acontecido de acordo com várias “linhas partidárias”. Mas de certa forma, por mais horrível que tudo isso tenha sido, não foi importante. Tratava-se de questões secundárias – a saber, a luta pelo poder entre o Comintern²¹ e os partidos de esquerda espanhóis, e os esforços do governo russo para impedir a revolução na Espanha. Mas o quadro geral da guerra que o governo espanhol apresentou

ao mundo não era inverídico. As principais questões eram o que ele dizia que eram. Mas, quanto aos fascistas e seus defensores, como poderiam chegar tão perto da verdade quanto isso? Como eles poderiam mencionar seus verdadeiros objetivos? Sua versão da guerra era pura fantasia e, nas circunstâncias, não poderia ter sido de outra forma. A única linha de propaganda aberta aos nazistas e fascistas era a de se representarem como patriotas cristãos salvando a Espanha de uma ditadura russa.

Isso envolvia fingir que a vida na Espanha governamental era apenas um longo massacre (vide *the Catholic Herald* ou o *Daily Mail* – mas estas eram brincadeiras de criança em comparação com a imprensa fascista continental), e envolvia exagerar imensamente a escala da intervenção russa. Da enorme pirâmide de mentiras que a imprensa católica e reacionária de todo o mundo construiu, deixe-me tomar apenas um ponto – a presença, na Espanha, de um exército russo. Todos os partidários devotos de Franco acreditavam nisso; as estimativas de sua força chegaram a meio milhão. No entanto, não havia um exército russo na Espanha. Pode ter havido um punhado de aviadores e outros técnicos, algumas centenas no máximo, mas não havia um exército na Espanha. Alguns milhares de estrangeiros que lutaram na Espanha, para não mencionar milhões de espanhóis, foram testemunhas disso. Bem, seu testemunho não causou nenhuma impressão nos propagandistas franquistas, nem um deles havia colocado os pés na Espanha oficial. Simultaneamente, essas pessoas se recusaram totalmente a admitir o fato da intervenção alemã ou italiana, ao mesmo tempo em que as imprensas alemã e italiana se gabavam abertamente das façanhas de seus “legionários”. Escolhi mencionar apenas um ponto, mas na verdade toda a propaganda fascista sobre a guerra estava neste nível.

Este tipo de coisa é assustador para mim, pois muitas vezes me dá a sensação de que **o próprio conceito de verdade objetiva está desaparecendo do mundo**. Afinal de contas, as chances são de que essas mentiras, ou de qualquer forma mentiras semelhantes, passem para a história. Como será escrita a história da Guerra Espanhola? Se Franco permanecer no poder, seus indicados escreverão os livros de história, e (para manter meu ponto escolhido) o exército russo que nunca existiu se tornará um fato histórico, e as crianças da escola aprenderão sobre ele por

gerações a partir de então. Mas suponha que o fascismo seja finalmente derrotado e que algum tipo de governo democrático seja restaurado na Espanha num futuro próximo; mesmo assim, como se escreverá a história da guerra? Que tipo de registros Franco terá deixado para trás? Suponha até mesmo que os registros mantidos pelo Governo sejam recuperáveis – mesmo assim, como se deve escrever uma história verdadeira da guerra? Pois, como eu já assinalei, o Governo também tratou extensivamente de mentiras. Do ponto de vista antifascista, pode-se escrever uma história amplamente verdadeira da guerra, mas seria uma história partidária, não confiável em todos os pontos menores. No entanto, afinal, algum tipo de história será escrito, e depois que aqueles que realmente se lembrarem da guerra estiverem mortos, ela será universalmente aceita. Portanto, para todos os fins práticos, a mentira terá se tornado verdade.

Eu sei que é moda dizer que a maior parte da história registrada é mentira de qualquer forma. Estou disposto a acreditar que a história é, na maioria das vezes, imprecisa e tendenciosa, mas o que é peculiar à nossa própria época é o abandono da ideia de que a história poderia ser verdadeiramente escrita. No passado, as pessoas mentiram deliberadamente, ou coloriram inconscientemente o que escreviam, ou se esforçaram para obter a verdade, sabendo bem que deveriam cometer muitos erros; mas em cada caso eles acreditavam que “os fatos” existiam e eram mais ou menos detectáveis. E na prática havia sempre um corpo considerável de fatos que teria sido aceito por quase todos. Se você olhar a história da última guerra, por exemplo, na *Encyclopaedia Britannica*, verá que uma quantidade respeitável do material é extraída de fontes alemãs. Um historiador britânico e um alemão discordariam profundamente sobre muitas coisas, mesmo sobre os fundamentos, mas ainda haveria aquele conjunto, por assim dizer, de fato neutro sobre o qual nenhum deles desafiaria seriamente o outro. É apenas esta base comum de concordância, com sua implicação de que os seres humanos são todos uma espécie de animal, que o totalitarismo destrói. A teoria nazista de fato nega especificamente que tal coisa como “a verdade” existe. Não existe, por exemplo, uma coisa como “ciência”. Existe apenas a “ciência alemã”, a “ciência judaica”, etc. O objetivo implícito desta linha de pensamento é um mundo de pesadelo no qual o Líder, ou algum grupo governante, controla não apenas o futuro, mas o passado. Se o Líder diz

acerca de tal evento, ‘Nunca aconteceu’ – bem, nunca aconteceu. Se ele diz que dois e dois são cinco – bem, dois e dois são cinco. **Esta perspectiva me assusta muito mais do que as bombas** – e depois de nossas experiências dos últimos anos isso, essa não é uma afirmação frívola.

Mas seria talvez infantil ou mórbido aterrorizar-se com visões de um futuro totalitário? Antes de escrever o mundo totalitário como um pesadelo que não pode se tornar realidade, basta lembrar que em 1925 o mundo de hoje teria parecido um pesadelo que não poderia se tornar realidade. Contra esse mundo fantasmagórico mutável no qual o preto pode ser branco amanhã e o clima de ontem pode ser mudado por decreto, na realidade existem apenas duas salvaguardas. Uma é que, por mais que você negue a verdade, a verdade continua existindo, por assim dizer, nas suas costas, e você consequentemente não pode violá-la de forma a prejudicar a eficiência militar. A outra é que enquanto algumas partes do mundo permanecerem inconquistáveis, a tradição liberal pode ser mantida viva. Deixe o fascismo, ou possivelmente até uma combinação de vários fascismos, conquistar o mundo inteiro e essas duas condições não existem mais. Nós na Inglaterra subestimamos o perigo deste tipo de coisa, porque nossas tradições e nossa segurança passada nos dão a crença sentimental de que tudo dá certo no final e a coisa que você mais teme nunca acontece de fato. Nutridos durante centenas de anos em uma literatura na qual a Direita invariavelmente triunfa no último capítulo, acreditamos meio a meio que o mal sempre se derrota a si mesmo a longo prazo. O pacifismo, por exemplo, é fundado em grande parte nesta crença. Não resista ao mal e ele se destruirá de alguma forma. Mas por que deveria? Que provas existem de que o faz? E que exemplo existe de um estado industrializado moderno em colapso, a menos que seja conquistado do exterior pela força militar?

Considere, por exemplo, a reinstalação da escravidão. Quem poderia ter imaginado há vinte anos que a escravidão voltaria à Europa? Bem, a escravidão foi restaurada sob nossos narizes. Os campos de trabalho forçado em toda a Europa e no norte da África, onde poloneses, russos, judeus e prisioneiros políticos de todas as raças labutam na construção de estradas ou na drenagem de pântanos por suas rações brutas, são simples escravidão bárbara. O máximo que se pode dizer é que a compra e venda de escravos por indivíduos ainda não é permitida. De outras formas – a

desagregação de famílias, por exemplo – as condições são provavelmente piores do que eram nas plantações americanas de algodão. Não há razão para pensar que este estado de coisas mudará enquanto durar qualquer dominação totalitária. Não entendemos todas as suas implicações porque, à nossa maneira mística, sentimos que um regime fundado na escravidão deve entrar em colapso. Mas vale a pena comparar a duração dos impérios de escravos da antiguidade com a de qualquer estado moderno. As civilizações fundadas na escravatura duraram por períodos tais como quatro mil anos.

Quando penso na antiguidade, o detalhe que me assusta é que aquelas centenas de milhões de escravos sobre cujas costas a civilização repousava, geração após geração, não deixaram para trás nenhum registro. Nós nem sequer sabemos seus nomes. Em toda a história grega e romana, quantos nomes de escravos são conhecidos por você? Eu posso pensar em dois, ou possivelmente três. Um é Espártaco²² e o outro é Epicteto.²³ Além disso, na sala romana do Museu Britânico há um frasco de vidro com o nome do fabricante inscrito no fundo, “*Felix fecit*”. Tenho uma imagem mental viva do pobre Félix (um gaulês de cabelo vermelho e uma gola de metal ao redor do pescoço), mas na verdade ele pode não ter sido um escravo; assim, há apenas dois escravos cujos nomes eu definitivamente conheço, e provavelmente poucas pessoas podem se lembrar de mais. Os demais caíram em completo silêncio.

Looking Back on the Spanish War, provavelmente 1942



O que é Fascismo?

MARÇO DE 1944

De todas as perguntas não respondidas de nosso tempo, talvez a mais importante seja: “*O que é fascismo?*”.

Uma das organizações de pesquisa social na América fez recentemente esta pergunta a uma centena de pessoas diferentes e obteve respostas que vão de “democracia pura” a um “diabolismo puro”. Neste país, se se pedir a uma pessoa medianamente esclarecida que defina o fascismo, ela em geral responderá apontando os regimes alemão e italiano. Mas isso é muito insatisfatório, porque mesmo os grandes Estados fascistas diferem em boa medida um do outro em estrutura e em ideologia.

Não é fácil, por exemplo, encaixar a Alemanha e o Japão num mesmo contexto, e isso é ainda mais difícil em relação a alguns dos pequenos Estados que se poderiam descrever como fascistas. Geralmente supõe-se, por exemplo, que o fascismo é inerentemente belicoso, que ele prospera num ambiente de histeria bélica e só pode resolver seus problemas econômicos mediante preparativos para a guerra ou conquistas estrangeiras. Mas isso claramente não é verdadeiro no que tange, digamos, a Portugal ou a várias ditaduras sul-americanas. Ou, ainda, o antissemitismo é tido como uma das marcas distintivas do fascismo; mas alguns movimentos fascistas não são antissemitas. Controvérsias eruditas que reverberaram por anos sem fim em revistas americanas não foram capazes nem mesmo de determinar se o fascismo é ou não capitalista. Quando aplicamos o termo “fascismo” à Alemanha ou ao Japão ou à Itália de Mussolini, sabemos amplamente a que estamos nos referindo. Foi na política interna que essa palavra perdeu o último vestígio de um significado. Porque, se examinar a imprensa, você verá que não existe quase nenhum grupo de pessoas — certamente não um partido político nem um corpo organizado de nenhum tipo — que não tenha sido denunciado como fascista durante os últimos dez anos.

Não estou me referindo aqui ao uso verbal do termo “fascista”, estou me referindo ao que tenho visto impresso. Tenho visto os termos “simpatizante

do fascismo”, “de tendência fascista” ou simplesmente “fascista” aplicados com toda a seriedade aos seguintes grupos de pessoas:

Conservadores: todos os conservadores, apaziguadores ou antiapaziguadores²⁴, são tidos como subjetivamente pró-fascistas. O governo britânico na Índia e nas colônias é tido como indistinguível do nazismo. Organizações de um tipo que poderia ser chamado de patriótico e tradicional são rotuladas como criptofascistas ou “de mentalidade fascista”. Exemplos disso são os Escoteiros, a Polícia Metropolitana, o MI-5²⁵, a Legião Britânica.²⁶ Chavão típico: “*As escolas públicas são terreno fértil para o fascismo*”;

Socialistas: defensores de um capitalismo de estilo antigo (exemplo, sir Ernest Benn) sustentam que socialismo e fascismo são a mesma coisa. Alguns jornalistas católicos afirmam que os socialistas têm sido os principais colaboracionistas nos países ocupados pelos nazistas. A mesma acusação é feita de um ângulo diferente pelo Partido Comunista durante suas fases ultraesquerdistas. No período 1930-55 o *Daily Worker* referia-se habitualmente ao Partido Trabalhista como os Fascistas Trabalhistas (*Labour-Fascists*). Isso foi repetido por outros extremistas de esquerda, como os anarquistas. Alguns nacionalistas indianos consideram os sindicatos britânicos como organizações fascistas;

Comunistas: uma considerável escola de pensamento (exemplos, Rausching, Peter Drucker, James Burnham, F. A. Voigt) recusa-se a reconhecer a diferença entre os regimes nazista e soviético e sustenta que todos os fascistas e comunistas visam aproximadamente à mesma coisa e são até, em certa medida, o mesmo povo. Editoriais no *The Times* (pré-guerra) referiram-se à URSS como “país fascista”. De novo, isso é repetido, por outros ângulos, por anarquistas e trotskistas;

Trotskistas: os comunistas acusam os trotskistas propriamente ditos, isto é, a organização do próprio Trótski, de ser um órgão criptofascista a serviço dos nazistas. A esquerda acreditava amplamente nisso durante o período da Frente Popular.²⁷ Em suas fases ultradireitistas, os comunistas tenderam a fazer a mesma acusação a todas as facções à esquerda deles mesmos, como a *Commonwealth*²⁸ ou o Partido Trabalhista Independente;

Católicos: fora de suas próprias fileiras, a Igreja Católica é quase

universalmente considerada pró-fascista, tanto objetiva quanto subjetivamente;

Os anti-guerra:²⁹ pacifistas e outros oponentes ao conflito, com frequência são acusados não só de tornar as coisas mais fáceis para o Eixo, como de manifestar sinais de um sentimento pró-fascista;

Os apoiadores da guerra: os que resistem à ideia de uma guerra, usualmente baseiam sua posição na alegação de que o imperialismo britânico é pior do que o nazismo, e tendem a aplicar o termo “fascista” a qualquer um que queira uma vitória militar. Os que apoiaram a Convenção do Povo chegaram perto de proclamar que a vontade de resistir à invasão nazista era um sinal de simpatia pelo fascismo. A Home Guard foi denunciada como organização fascista assim que surgiu. Além disso, toda a esquerda tende a equiparar militarismo com fascismo. Soldados rasos com consciência política quase sempre se referem a seus oficiais como “*de mentalidade fascista*”, ou “*fascistas naturais*”. Escolas militares, a cultura de ordem, polimento e limpeza³⁰, bater continência aos oficiais, tudo isso é considerado ligado ao fascismo. Antes da guerra, aderir aos *Territorials*³¹ era considerado sinal de tendências fascistas. Recrutamento obrigatório e Exército profissional são ambos denunciados como fenômenos fascistas.

Nacionalistas: o nacionalismo é sempre considerado inerentemente fascista, mas entende-se que isso é aplicável apenas a movimentos nacionais desaprovados por quem os está avaliando. O nacionalismo árabe, o nacionalismo polonês, o nacionalismo finlandês, o Partido do Congresso indiano, a Liga Muçulmana, o Sionismo e o IRA³² são todos descritos como fascistas — mas não pelas mesmas pessoas.

* * *

Vê-se que, como usada, a palavra “fascismo” é quase totalmente desprovida de sentido. Na conversa, é claro, ela é usada ainda de forma mais desenfreada do que na escrita. Ouvi dizer que se aplica a agricultores, comerciantes, crédito social, castigos corporais, caça à raposa, luta de touros, o Comitê de 1922, o Comitê de 1941, Kipling, Gandhi, Chiang Kai-Shek, homossexualidade, programas de rádio de Priestley, albergues da juventude, astrologia, mulheres, cães e não sei o que mais.

No entanto, debaixo de toda esta confusão existe uma espécie de

significado enterrado. Para começar, é claro que existem diferenças muito grandes, algumas delas fáceis de apontar porém não fáceis de explicar, entre os regimes chamados fascistas e aqueles chamados democráticos. Em segundo lugar, se “fascista” significa “em simpatia com Hitler”, algumas das acusações que eu listei acima são obviamente muito mais justificadas do que outras. Em terceiro lugar, mesmo as pessoas que imprudentemente atiram a palavra “fascista” em todas as direções, lhe atribuem, de qualquer forma, um significado emocional. Por “fascismo” eles querem dizer, a grosso modo, algo cruel, inescrupuloso, arrogante, obscurantista, antiliberal e anticlasse trabalhadora. Exceto pelo número relativamente pequeno de simpatizantes fascistas, quase qualquer pessoa inglesa aceitaria “*valentão*”³³ como sinônimo de “fascista”. Isto é o mais próximo de uma definição que esta tão abusada palavra chegou.

Mas o fascismo também é um sistema político e econômico. Por que, então, não podemos ter uma definição clara e aceita por todos? Lamentavelmente não teremos uma! — Pelo menos ainda não, ainda não. Expressar o porquê levaria muito tempo, mas basicamente é porque é impossível definir o fascismo de forma satisfatória sem fazer confissões que nem os próprios fascistas, nem os conservadores, nem os socialistas de qualquer cor, estão dispostos a fazer. Tudo o que se pode fazer no momento é usar a palavra com uma certa circunspeção e não, como geralmente se faz, degradá-la ao nível de um palavrão.

Tribuna, 24 de março de 1944



Resenha de Mein Kampf, de Adolf Hitler

MARÇO DE 1940

É um sinal da velocidade com que os eventos estão se sucedendo que a edição não-expurgada de Hurst e Blackett do Mein Kampf, publicada há apenas um ano, tenha sido editada em um ângulo pró-Hitler. A intenção óbvia do prefácio e das anotações do tradutor é de suavizar a ferocidade do livro e apresentar Hitler da maneira mais gentil possível. Pois naquela data, Hitler ainda era respeitável. Ele havia esmagado o movimento trabalhista alemão e por isso, as classes de proprietários estavam dispostas a perdoar-lhe quase tudo. Tanto a esquerda como a direita concordavam na noção muito superficial de que o nacional-socialismo era apenas uma versão do conservadorismo.

Depois se revelou de súbito que Hitler, afinal de contas, não era respeitável. Como um dos resultados disso, a edição de Hurst e Blackett foi relançada com uma nova capa, explicando que todos os lucros seriam doados à Cruz Vermelha. Não obstante, com a evidência interna do conteúdo de Mein Kampf, é difícil acreditar que tenha havido qualquer mudança real nos objetivos e nas opiniões de Hitler. Quando se comparam seus pronunciamentos de um ano atrás com os que foram feitos quinze anos antes, uma coisa que impressiona é a rigidez de sua mente, o modo como sua visão de mundo não evolui. É a visão fixa de um monomaniaco e não susceptível de ser muito afetada pelas manobras temporárias da política de poder. É provável que, na própria mente de Hitler, o Pacto Russo-Alemão não represente mais do que uma mudança de cronograma. O plano exposto em Mein Kampf era esmagar primeiro a Rússia, com a intenção implícita de esmagar a Inglaterra em seguida. Agora, como as coisas se apresentam, a Inglaterra tem de lidar com o fato de ser a primeira, porque a Rússia foi, entre as duas, a mais fácil de subornar. Mas a vez da Rússia chegará quando a Inglaterra já estiver fora de cena — é assim, sem dúvida, que Hitler encara a questão. Se vai acontecer desse modo é, evidentemente, outra questão.

Suponha-se que o programa de Hitler pudesse ser posto em prática. O que ele imagina, para daqui a cem anos, é um estado [territorialmente] contínuo com 250 milhões de alemães com abundante “sala de estar”³⁴ (isto é, estendendo-se até o Afeganistão ou arredores), um horrível império sem cérebro no qual, em essência, nada jamais acontece exceto o treinamento de jovens para a guerra e a interminável produção de bucha fresca para canhão. Como é que ele teria sido capaz de tornar efetiva uma decisão tão monstruosa? É fácil dizer que em certo estágio de sua carreira ele foi financiado pelos industriais, que viram nele o homem que esmagaria o socialismo e o comunismo. Contudo, não o teriam apoiado se ele já não tivesse trazido à existência um grande movimento. Deve-se lembrar que a situação da Alemanha, com seus sete milhões de desempregados, era obviamente favorável aos demagogos. Mas Hitler não teria tido sucesso contra seus muitos rivais, não fosse a atração de sua própria personalidade, que se pode sentir até mesmo na desajeitada escrita de *Mein Kampf* e que, sem dúvida, é avassaladora quando se ouvem seus discursos... O fato é que há nele algo que é profundamente atraente.

Dá para sentir isso mais uma vez quando olhamos suas fotografias — e recomendo em especial a foto do início da edição de Hurst e Blackett, que mostra Hitler com a camisa parda³⁵ dos primeiros tempos. É um rosto triste e canino, o rosto de um homem sofrendo sob injustiças intoleráveis. De uma forma um pouco mais masculina, reproduz a expressão de inúmeras imagens de Cristo crucificado, e não há dúvida de que é assim que Hitler vê a si mesmo. A causa inicial, pessoal, de sua queixa contra o universo só pode ser imaginada; mas, de qualquer forma, a queixa está aqui. Ele é o mártir, a vítima, Prometeu acorrentado à rocha, o herói abnegado que luta sozinho contra probabilidades impossíveis. Se ele estivesse matando um rato, ele saberia como fazê-lo parecer um dragão. Sente-se, como com Napoleão, que está lutando contra o destino que não pode vencer e, ainda assim, que de alguma forma é merecedor disso. A atração de tal postura é, naturalmente, enorme; metade dos filmes que se vê giram em torno de algum tema assim.

Ele também compreendeu a falsidade da atitude hedonista em relação à vida. Quase todo pensamento ocidental desde a última guerra, certamente todo pensamento “progressista”, tem assumido tacitamente que os seres

humanos não desejam nada além de facilidade, segurança e evitar a dor. Em tal visão da vida não há espaço, por exemplo, para o patriotismo e as virtudes militares. O socialista que encontra seus filhos brincando de soldados geralmente fica chateado, mas nunca é capaz de pensar em um substituto para os soldados de chumbo; os “pacifistas de chumbo”, de alguma forma, não funcionam. Hitler, porque em sua própria mente sem alegria ele o sente com força excepcional, sabe que os seres humanos não querem muito conforto, segurança, horas de trabalho curtas, higiene, controle de natalidade e, em geral, senso comum; eles também, pelo menos intermitentemente, querem luta e auto-sacrifício, para não mencionar tambores, bandeiras e desfiles de lealdade. Por mais que sejam teorias econômicas, o fascismo e o nazismo são psicologicamente muito mais sólidos do que qualquer concepção hedonista da vida. O mesmo provavelmente acontece com a versão militarizada do Socialismo de Stalin. Todos os três grandes ditadores aumentaram seu poder impondo fardos intoleráveis a seus povos. Enquanto o Socialismo, e até mesmo o capitalismo de uma forma mais rancorosa, tem dito às pessoas “Eu lhes ofereço uma boa vida”, Hitler lhes disse “Eu lhes ofereço luta, perigo e morte” e, como resultado, toda uma nação se atira a seus pés. Talvez mais tarde eles se fartem disso e mudem de ideia, como no final da última guerra. Após alguns anos de massacre e fome, “*Maior felicidade para a maior parte*” é um bom slogan, mas neste momento “*Melhor um fim com horror do que um horror sem fim*” é um vencedor. Agora que estamos lutando contra o homem que o cunhou, não devemos subestimar seu apelo emocional.

New English Weekly, 21 de março de 1940



Profecias do fascismo

JUNHO DE 1940

Resenha de *O Tacão de Ferro*, de Jack London; *O Adormecido Desperta*, de H. G. Wells; *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley; *O Segredo da Liga* de Ernest Bramah.

A reimpressão de *O Tacão de Ferro*³⁶, de Jack London, traz ao alcance geral um livro que tem sido muito procurado durante os anos de agressão fascista. Como outros livros de Jack London, ele tem sido amplamente lido na Alemanha e tem tido a reputação de ser uma previsão acurada da aparição de Hitler. Na realidade, não é isso. É apenas um conto de opressão capitalista e foi escrito numa época em que várias coisas que tornaram o fascismo possível - por exemplo, o tremendo renascimento do nacionalismo - não eram fáceis de prever.

Onde London demonstrou uma perspicácia especial, no entanto, foi ao perceber que a transição para o socialismo não seria automática ou mesmo fácil. A classe capitalista não iria “*perecer de suas próprias contradições*” como uma flor morrendo no final da primavera. A classe capitalista foi bastante inteligente para ver o que estava acontecendo, para desfazer suas próprias diferenças e contra-atacar os trabalhadores; e a luta resultante seria a mais sangrenta e inescrupulosa que o mundo já havia visto.

Vale a pena comparar *O Tacão de Ferro* com outro romance imaginativo do futuro que foi escrito um pouco antes e ao qual ele deve algo, *O Adormecido Desperta*,³⁷ de H.G. Wells. Ao fazer isso, pode-se ver as limitações de London e também a vantagem de não ser, como Wells, um homem totalmente civilizado. Como livro, *O Tacão de Ferro* é extremamente inferior. É desajeitadamente escrito, não mostra nenhuma compreensão das possibilidades científicas e o herói é o tipo de papagaio que agora está desaparecendo até mesmo dos panfletos socialistas. Mas, por causa de sua própria tendência à selvageria, London pôde captar algo que Wells aparentemente não conseguiu, ou seja, que as sociedades hedonistas

não perduram.

Todos que já leram *O Adormecido Desperta* se lembram disso. É uma visão de um mundo reluzente e sinistro no qual a sociedade se endureceu em um sistema de castas e os trabalhadores estão permanentemente escravizados. É também um mundo sem propósito, no qual as castas superiores, para as quais os trabalhadores trabalham, são completamente indulgentes, cínicas e sem fé. Não há consciência de nenhum objetivo na vida, nada que corresponda ao fervor do revolucionário ou do mártir religioso.

No *Admirável Mundo Novo*³⁸ de Aldous Huxley, uma espécie de paródia pós-guerra da utopia de Wells, estas tendências são imensamente exageradas. Aqui o princípio hedonista é levado ao máximo, o mundo inteiro se transformou em um hotel da Riviera. Mas embora o Admirável Mundo Novo fosse uma caricatura brilhante do presente (o presente de 1930), ele provavelmente não lança nenhuma luz sobre o futuro. Nenhuma sociedade desse tipo duraria mais do que duas gerações, porque uma classe dominante baseada principalmente em uma “boa vida”, logo perderia sua vitalidade. Uma classe dominante tem que ter uma moralidade rigorosa, uma crença quase religiosa em si mesma, uma mística. London estava ciente disso, e embora ele descreva a casta dos plutocratas que governam o mundo por sete séculos como monstros desumanos, ele não os descreve como preguiçosos ou sensualistas. Eles só podem manter sua posição enquanto honestamente acreditam que a civilização depende somente deles próprios e, portanto, de uma maneira diferente, eles são tão corajosos, capazes e dedicados quanto os revolucionários que se opõem a eles.

De uma maneira intelectual, London aceitou as conclusões do marxismo e imaginou que as “contradições” do capitalismo, o excedente não consumível, a mais-valia e assim por diante, persistiriam mesmo após a classe capitalista ter-se organizado como um único corpo corporativo. Mas em temperamento ele foi muito diferente da maioria dos marxistas. Com seu amor à violência e à força física, sua crença na “aristocracia natural”, seu culto aos animais e sua exaltação do primitivo, London tinha dentro dele o que se poderia, com justiça, chamar de uma inclinação fascista. Isso provavelmente o ajudou a compreender como a classe capitalista se comportaria quando fosse seriamente ameaçada.

É exatamente nesse ponto que os socialistas marxistas deixaram a desejar. Sua interpretação da história era mecanicista, a ponto de não verem perigos que eram óbvios para pessoas que nunca tinham ouvido o nome de Marx. Às vezes se alega que Marx falhou ao não prever a ascensão do fascismo. Não sei se ele previu ou não — naquela época ele só poderia fazê-lo em termos muito genéricos —, mas de qualquer maneira é certo que seus seguidores falharam ao não perceber perigo algum no fascismo até eles mesmos atingirem o portão do campo de concentração. Um ano ou mais depois que Hitler chegou ao poder, o marxismo oficial ainda proclamava que Hitler não tinha importância e que o “social-fascismo” (isto é, a democracia) é que era o real inimigo. London provavelmente não teria cometido esse erro. Seus instintos o teriam advertido de que Hitler era perigoso. Ele sabia que as leis da economia não operavam da mesma forma que as leis da gravidade, que podiam ser controladas durante longos períodos por pessoas que, como Hitler, acreditassem em seu próprio destino.

O Tacão de Ferro e *O Adormecido Desperta* foram escritos ambos de um ponto de vista popular. *Admirável Mundo Novo*, embora primordialmente um ataque ao hedonismo, é também, por implicação, um ataque ao totalitarismo e a um governo de castas. É interessante compará-los com uma menos popular utopia que trata da luta de classes a partir do ponto de vista da classe mais alta, ou da classe média, *O Segredo da Liga*,³⁹ de Ernest Bramah.

O Segredo da Liga foi escrito em 1907, quando o crescimento do movimento operário começava a aterrorizar a classe média, que imaginava erroneamente, estar sendo ameaçada por baixo e não por cima. Como prognóstico político o livro é trivial, mas é de grande interesse devido à luz que lança sobre a mentalidade da luta da classe média.

O autor imagina um governo trabalhista chegando ao poder com uma maioria tão imensa que seria impossível desalojá-lo. No entanto, eles não estabelecem uma economia totalmente socialista. Apenas continuam a operar o capitalismo em seu próprio benefício, elevando com o tempo todos os salários, criando um enorme exército de burocratas e impondo às classes superiores impostos insuportáveis. O país está assim, como se diz, “indo para o brejo”;⁴⁰ além disso, na política exterior o governo trabalhista

comporta-se mais como o Governo Nacional entre 1931 e 1939. Contra isso surge uma conspiração secreta das classes média e alta, e o estilo de sua revolta é muito engenhoso, contanto que se considere o capitalismo como algo interno: é o método de greve de consumidores. Durante um período de dois anos os conspiradores da classe mais alta acumulam secretamente óleo combustível e convertem fábricas movidas a carvão em fábricas movidas a óleo; depois subitamente boicotam a principal indústria britânica, a indústria do carvão. Os mineradores se deparam com uma situação na qual não seriam capazes de vender carvão durante dois anos. Há um grande desemprego e muita angústia, que termina numa guerra civil, na qual (trinta anos antes do general Franco!) as classes mais altas recebem ajuda do exterior. Após sua vitória elas abolem os sindicatos e instituem um regime “forte” não parlamentar — em outras palavras, um regime que agora descreveríamos como fascista. O tom do livro é bem humorado, como poderia ser naquela época, mas a tendência do pensamento é inconfundível. Por que um escritor decente e benevolente como Ernest Bramah acharia que o esmagamento do proletariado era uma visão agradável? É simplesmente a reação de uma classe combatente que se sentiu ameaçada nem tanto em sua posição econômica mas em seu código de comportamento e em seu modo de vida. Pode-se ver o mesmo antagonismo puramente social à classe trabalhadora num escritor de muito maior calibre, George Gissing. O tempo, e Hitler, ensinaram muita coisa às classes médias, e talvez elas não voltem a ficar do lado de seus opressores contra seus aliados naturais. Mas se farão isso ou não, depende em parte de como são manobradas e, a estupidez da propaganda socialista, com seus constantes ataques aos “pequeno-burgueses”, tem muito a responder por isso.

Tribuna, 12 de julho de 1940

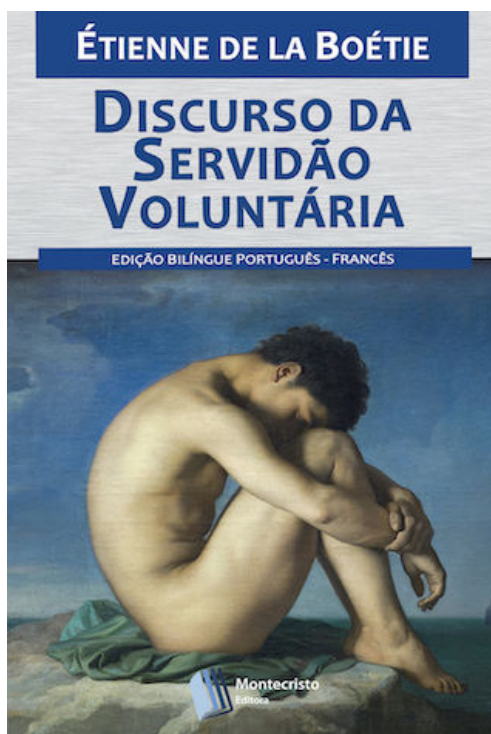
* * *



Uma excelente fonte para entender a submissão do ser humano ao

totalitarismo está no “[O Discurso da Servidão Voluntária](#)” de **Étienne de La Boétie**, uma análise política sobre a obediência. O livro afirma que estados e governos são mais vulneráveis do que as pessoas imaginam e podem entrar em colapso em um instante: assim que o consentimento dos governados é retirado. Esta é a fascinante tese defendida por La Boétie.

Em tempos que corporações e governos ampliam de forma nunca antes imaginada o controle e poder sobre a população, este livro, escrito há quase 500 anos, é verdadeiramente o traço profético de nossos tempos. O conciso texto tem uma importância vital para o leitor moderno – uma importância que vai além do puro prazer de ler uma grande obra original sobre filosofia política ou, para o libertário, de ler o primeiro filósofo político dessa escola. O autor antecipou *Jefferson, Thoreau, Arendt, Gandhi e Luther King*. O ensaio tem profunda relevância para a compreensão da história sendo o grande inspirador da desobediência civil.



Esta coleção foi publicada pela primeira vez em 2020 pela Penguin de Londres, para comemorar 70 anos da morte de George Orwell.

O ‘Fascismo e Democracia’ foi publicado pela primeira vez em *The Left News*, em fevereiro de 1941.

A ‘Literatura e Totalitarismo’ foi transmitida pela primeira vez na rádio BBC, em 21 de maio de 1941.

A ‘Liberdade do Parque’ apareceu na Tribuna, em 7 de dezembro de 1945.

A resenha de *A Invasão de Marte*, de Hadley Cantril, apareceu em *The New Statesman and Nation*, em 26 de outubro de 1940.

O ‘Visões de um futuro totalitário’ é de *Looking Back on the Spanish War*, um ensaio que Orwell provavelmente escreveu em 1942.

A Montecristo selecionou e acrescentou mais três artigos, muito relevantes para o assunto:

O que é Fascismo, Tribuna, 24 de março de 1944

Resenha de *Mein Kampf*, de Adolf Hitler, New English Weekly, 21 de março de 1940

Profecias do Fascismo, Tribuna, 12 de julho de 1940

Os títulos são, em sua maioria, editoriais.



Notas:

1 Texto escrito em 1941: “três libras por semana” seria um salário extremamente baixo, inclusive para a época.

2 O **Apartheid**, regime de segregação racial, foi implementado oficialmente na África do Sul em 1948 e adotado até 1994 pelos sucessivos governos. A segregação racial na África do Sul teve início ainda no período colonial, bem antes da época em que Orwell escreveu este texto.

3 A **Noite das Facas Longas** (*Nacht der langen Messer*) foi um expurgo que aconteceu na Alemanha Nazista na noite do dia 30 de junho para 1 de julho de 1934, quando a facção de Adolf Hitler do Partido Nazista realizou uma série de execuções políticas extrajudiciais. Os maiores alvos do expurgo foram membros da facção strasserista do partido, incluindo seu líder, Gregor Strasser. Entre as vítimas, também estavam proeminentes conservadores antinazistas (como o ex-chanceler Kurt von Schleicher e Gustav Ritter von Kahr, que havia suprimido o Putsch da Cervejaria de Hitler em 1923). Muitos daqueles que foram mortos pertenciam às lideranças da Sturmabteilung (SA), uma das organizações paramilitares do partido chamada de “camisas-pardas”.

4 O termo **pogrom** (do russo погром) tem múltiplos significados. É mais frequentemente atribuído à perseguição deliberada de um grupo étnico ou religioso, aprovado ou tolerado pelas autoridades locais, sendo um ataque violento, com a destruição simultânea do seu ambiente (casas, negócios, centros religiosos). Historicamente, o termo tem sido usado para denominar atos em massa de violência, espontânea ou premeditada, contra judeus, protestantes, eslavos e outras minorias étnicas da Europa, porém é aplicável a outros casos, envolvendo países e povos do mundo inteiro.

5 **Ernst Eduard vom Rath** (3 de junho de 1909 — Paris, 9 de novembro de 1938) foi um diplomata alemão assassinado em Paris em 1938 pelo judeu polonês Herschel Grynszpan, no evento que serviu de pretexto para a Noite dos Cristais,

6 Referência, respectivamente, ao totalitarismo comunista-russo, nazista-alemão e fascista-italiano.

7 **Daily Worker** é um jornal diário britânico de esquerda com foco em questões sociais, políticas e sindicais. Foi fundado em 1930 como o Daily Worker pelo Partido Comunista da Grã-Bretanha (CPGB). Em 1945, a propriedade foi transferida da CPGB para uma cooperativa de leitores independente, e alterou seu nome para The Morning Star. O jornal continua ativo e descreve sua posição editorial como estando de acordo com o caminho ao socialismo da Grã-Bretanha, o programa do Partido Comunista da Grã-Bretanha.

8 A **Batalha de Trafalgar** foi um evento bélico naval que ocorreu entre a França e Espanha contra o Reino Unido, em 21 de outubro de 1805, na era napoleônica, ao largo do cabo de Trafalgar, na costa espanhola. A esquadra franco-espanhola era comandada pelo almirante Villeneuve, enquanto a britânica era comandada pelo almirante Nelson, para muitos, o maior gênio em estratégia naval que já existiu. A França queria invadir o Reino Unido pelo Canal da Mancha, mas antes tinha que se livrar do empecilho que era a marinha britânica. Nelson tinha que evitar isso.

9 isto é, a primeira guerra mundial.

10 O jogo de críquete Eton x Harrow é um tradicional jogo anual entre o Colégio Eton e a Escola Harrow. É uma das partidas esportivas anuais mais antigas do mundo e a única partida anual de críquete escolar ainda a ser disputada no estádio Lord's.

11 **Lawrence & Wishart** é uma editora britânica anteriormente associada ao Partido Comunista da Grã-Bretanha. Foi formada em 1936, através da fusão de Martin Lawrence, a imprensa do Partido Comunista, e Wishart Ltd, uma editora familiar de esquerda e antifascista.

12 **The Canterbury Tales** (Os Contos da Cantuária ou Os Contos de Canterbury) é uma coleção de histórias (duas delas em prosa e outras vinte e duas em verso) escritas a partir de 1387 por Geoffrey Chaucer, considerado um dos consolidadores da língua inglesa. Na obra, cada conto é narrado por um peregrino de um grupo que realiza uma viagem desde Southwark (Londres) à Catedral de Cantuária para visitar o túmulo de São Thomas Becket. A estrutura geral é inspirada no Decamerão, de Boccaccio. A coleção de personagens dos Contos da Cantuária é muito rica, com representantes de todas as classes sociais, e os temas são igualmente variados. Os contos são recheados de acontecimentos curiosos, passagens pitorescas, citações clássicas, ensinamentos morais, relacionados à vida e aos costumes do século XIV na Inglaterra. Escrita em inglês médio, a obra foi importante na consolidação deste idioma como língua literária em substituição do francês e do latim, ainda utilizados na época de Chaucer em preferência ao inglês.

13 Esse texto foi escrito em 1941, quando a Alemanha nazista ainda era aliada da Rússia de Stalin.

14 O **Hyde Park** é um parque no centro de Londres, na Inglaterra. Junto com os jardins Kensington, que ficam adjacentes, forma uma das maiores áreas verdes da cidade, com 2,5 km² de área. Em 1855, um grupo reformista usou o parque para fazer protestos, o que ocasionou um grande embate com a polícia. Isso durou até 1872, quando o primeiro-ministro passou uma lei permitindo atos públicos numa parte específica do parque, que ficou conhecida como esquina do Orador. Até hoje, essa é uma área onde qualquer pessoa pode, em princípio, protestar sobre qualquer tópico. Uma das maiores manifestações aconteceu em 2003, quando mais de 1 000 000 de pessoas protestaram contra a guerra do Iraque.

15 **Sir Oswald Ernald Mosley**, 6º Baronete (Londres, 16 de novembro de 1896 — Orsay, 3 de Dezembro de 1980) foi um dos principais líderes da extrema-direita fascista da Inglaterra e também um ativista contra a participação britânica no início da Segunda Guerra Mundial, tendo sido fundador da União Britânica de Fascistas (UBF), entre outros partidos. Foi preso em 1940, após a UBF ser banida. Libertado em 1943, ficou em prisão domiciliar até o final da guerra. Em 1951, foi morar na Irlanda e depois França. Tentou por mais duas vezes eleger-se para o Parlamento do Reino Unido, mas recebeu pouco apoio popular e sofreu ostracismo por parte da classe política do país.

16 Assim como A Milícia Voluntária para a Segurança Nacional, grupo paramilitar da Itália fascista, os membros da milícia fascista inglesa ficaram conhecidos como camisas-negras.

17 Partido Socialista da Grã-Bretanha (SPGB – Sigla em Inglês).

18 A **Alsácia** (em francês: *Alsace*, em alemão: *Elsass*) é uma antiga região administrativa da França, localizada a leste do país, junto às fronteiras alemã e suíça. Historicamente, a região passou da França para a Alemanha diversas vezes, resultando em uma rica mistura cultural. Além disso, era ponto de passagem para os deslocamentos humanos desde antes da Idade Média, tendo recebido inúmeras contribuições culturais.

19 Trata-se de uma resenha crítica do livro “[A Invasão de Marte: Um Estudo na Psicologia do Pânico](#)” por Hadley Cantril. Livro de negócios e marketing. Reimprime o roteiro de Orson Wells para

a transmissão de rádio da invasão, em seguida, discute como a resposta psicológica humana pode ser usada em vendas e marketing.

20 Arthur Koestler (Budapeste, 5 de setembro de 1905 — Londres, 1 de março de 1983) foi um jornalista, escritor, e ativista político judeu húngaro radicado no Reino Unido. Refugiado em Viena, matriculou-se na Escola Politécnica, mas abandonou os estudos para juntar-se aos pioneiros sionistas na Palestina. De volta à Europa, dedicou-se principalmente ao jornalismo, através do qual adquiriu enorme experiência humana, política e social. Em 1929, como correspondente dos jornais do grupo Ullstein, de Berlim, mudou-se para Paris e, em 1931, tornou-se o único jornalista a participar da expedição polar do conde Zeppelin. Nesse mesmo ano, ingressou no Partido Comunista da Alemanha. No ano seguinte, Koestler esteve na União Soviética e, em 1936, foi enviado a Madrid, pelo New Chronicle, para cobrir a Guerra Civil Espanhola. Tendo participado ativamente da defesa de Málaga, foi preso pelas tropas de Francisco Franco e condenado à morte, sendo salvo por intervenção inglesa.

21 Comintern, a Internacional Comunista (do inglês Communist International) ou (Komintern) (do alemão Kommunistische Internationale) ou também conhecida como Terceira Internacional (1919-1943), foi uma organização internacional fundada por Vladimir Lenin, para reunir os partidos comunistas de diferentes países.

22 Espártaco (em latim: *Spartacus*; ca. 109 a.C. – ca. 71 a.C.) foi um gladiador de origem trácia, viveu na República romana e foi o líder da mais célebre revolta de escravos na Roma Antiga, conhecida como “Terceira Guerra Servil”, “Guerra dos Escravos” ou “Guerra dos Gladiadores”. Espártaco liderou, durante a revolta, um exército rebelde que contou com quase 40 mil ex-escravos. Acabou por perder a guerra contra as legiões de Crasso, membro do primeiro triunvirato. O corpo de Espártaco nunca foi encontrado pelo comandante romano.

23 Epicteto (Hierápolis, 55 – Nicópolis, 135) foi um filósofo grego estoico que viveu a maior parte de sua vida em Roma, como escravo a serviço de Epafrodito, o cruel secretário de Nero que, segundo a tradição, uma vez lhe quebrou uma perna. Apesar de sua condição, conseguiu assistir às preleções do famoso estoico Caio Musônio Rufo. De sua obra, se conservam o Encheiridion de Epicteto e as Diatribes, ambos editados por seu discípulo Lúcio Flávio Arriano. Ver mais em <https://www.estoico.com.br/tag/epicteto/>

24 Orwell usou os termos: *appeasers* e *anti-appeasers*

25 MI-5, Inteligência Militar: serviço de segurança cuja tarefa é observar e neutralizar redes de espionagem estrangeiras que operam em solo inglês. Popularizado pelos filmes de James Bond.

26 A Real Legião Britânica (RBL), às vezes chamada de The British Legion ou A Legião Britânica, é uma instituição de caridade britânica que fornece apoio financeiro, social e emocional aos membros e veteranos das Forças Armadas Britânicas, suas famílias e dependentes.

27 Frente Popular foi o nome de diversas forças ou coligações eleitorais de partidos de esquerda. Seus componentes principais eram partidos de esquerda (socialistas e comunistas) junto a partidos burgueses liberais e o de centro-esquerda (radicais republicanos).

28 Comunidade das Nações (em inglês: Commonwealth of Nations, ou simplesmente the Commonwealth), originalmente criada como Comunidade Britânica de Nações, é uma organização intergovernamental composta por 53 países membros independentes que faziam parte do império Britânico.

29 Orwell usa o termo *War resisters*.

30 Orwell usa a expressão “*spit and polish*”, ou seja, “cuspir na bota e dar-lhe polimento”.

31 Reservistas voluntários do Exército inglês.

32 IRA, Exército Republicano Irlandês, um conjunto de diversos grupos paramilitares irlandeses que, nos séculos XX e XXI, lutou contra a influência Britânica na ilha da Irlanda. Recorria a métodos de guerra assimétrica, sendo frequentemente acusado de terrorismo, notório principalmente por ataques à bomba e emboscadas com armas de fogo, e tinha como alvos tradicionais protestantes, políticos unionistas e representantes do governo britânico.

33 Orwell usa o termo *bully*.

34 Orwell usa o termo *Living room*.

35 Orwell escreve “*Hitler in his early Brownshirt days*.”. **Camisas-pardas** ou *Sturmabteilung* abreviado para SA (do alemão, "Destacamento Tempestade"), foi a milícia paramilitar durante o período em que o Nazismo exercia o poder na Alemanha. Seu líder era Ernst Röhm, capitão do exército e notório por seu senso de organização e sua capacidade de comando. Os membros das Sturmabteilungen também eram conhecidos como camisas-pardas, pela cor de seu uniforme (a cor parda provinha de fardamentos destinados a tropas alemãs que serviram na Tanzânia durante a Primeira Guerra Mundial, e que nunca chegaram a ser entregues; após a guerra, foram adquiridas a preços módicos pelos nazistas, para vestir suas milícias). A Sturmabteilung foi, em certo momento, uma das instituições mais ativas da vida pública da Alemanha e um dos esteios do poder político de Adolf Hitler.

36 The Iron Heel, [O Tacon de Ferro](#)

37 *O adormecido desperta* [The Sleeper Wakes](#)

38 *Admirável Mundo Novo*, *Brave New World*

39 *O Segredo da Liga*, [The Secret of the League](#)

40 Orwell usa o termo ‘*going to the dogs*’.

Original em Inglês

Fascism and Democracy

FEBRUARY 1941

One of the easiest pastimes in the world is debunking Democracy. In this country one is hardly obliged to bother any longer with the merely reactionary arguments against popular rule, but during the last twenty years 'bourgeois' Democracy has been much more subtly attacked by both Fascists and Communists, and it is highly significant that these seeming enemies have both attacked it on the same grounds. It is true that the Fascists, with their bolder methods of propaganda, also use when it suits them the aristocratic argument that Democracy 'brings the worst men to the top', but the basic contention of all apologists of totalitarianism is that Democracy is a fraud. It is supposed to be no more than a cover-up for the rule of small handfuls of rich men. This is not altogether false, and still less is it obviously false; on the contrary, there is more to be said for it than against it. A sixteen-year-old schoolboy can attack Democracy much better than he can defend it. And one cannot answer him unless one knows the anti-democratic 'case' and is willing to admit the large measure of truth it contains.

To begin with, it is always urged against 'bourgeois' Democracy that it is negated by economic inequality. What is the use of political liberty, so called, to a man who works 12 hours a day for £3 a week? Once in five years he may get the chance to vote for his favourite party, but for the rest of the time practically every detail of his life is dictated by his employer. And in practice his political life is dictated as well. The monied class can keep all the important ministerial and official jobs in its own hands, and it can work the electoral system in its own favour by bribing the electorate, directly or indirectly. Even when by some mischance a government representing the poorer classes gets into power, the rich can

usually blackmail it by threatening to export capital. Most important of all, nearly the whole cultural and intellectual life of the community – newspapers, books, education, films, radio – is controlled by monied men who have the strongest motive to prevent the spread of certain ideas. The citizen of a democratic country is ‘conditioned’ from birth onwards, less rigidly but not much less effectively than he would be in a totalitarian state.

And there is no certainty that the rule of a privileged class can ever be broken by purely democratic means. In theory a Labour government could come into office with a clear majority and proceed at once to establish socialism by Act of Parliament. In practice the monied classes would rebel, and probably with success, because they would have most of the permanent officials and the key men in the armed forces on their side. Democratic methods are only possible where there is a fairly large basis of agreement between all political parties. There is no strong reason for thinking that any really fundamental change can ever be achieved peacefully.

Again, it is often argued that the whole façade of democracy – freedom of speech and assembly, independent trade unions and so forth – must collapse as soon as the monied classes are no longer in a position to make concessions to their employees. Political ‘liberty’, it is said, is simply a bribe, a bloodless substitute for the Gestapo. It is a fact that the countries we call democratic are usually prosperous countries – in most cases they are exploiting cheap coloured labour, directly or indirectly – and also that Democracy as we know it has never existed except in maritime or mountainous countries, i.e. countries which can defend themselves without the need for an enormous standing army. Democracy accompanies, probably demands, favourable conditions of life; it has never flourished in poor and militarised states. Take away England’s sheltered position, so it is said, and England will promptly revert to political methods as barbarous as those of Rumania. Moreover all government, democratic or totalitarian, rests ultimately on force. No government, unless it intends to connive at its own overthrow, can or does show the smallest respect for democratic ‘rights’ when once it is seriously menaced. A democratic country fighting a desperate war is forced, just as much as an autocracy or a Fascist state, to conscript soldiers, coerce labour, imprison defeatists, suppress seditious newspapers; in other words, it can only save itself from destruction by

ceasing to be democratic. The things it is supposed to be fighting for are always scrapped as soon as the fighting starts.

That, roughly summarised, is the case against 'bourgeois' Democracy, advanced by Fascists and Communists alike, though with differences of emphasis. At every point one has got to admit that it contains much truth. And yet why is it that it is ultimately false – for everyone bred in a democratic country knows quasi-instinctively that there is something wrong with the whole of this line of argument?

What is wrong with this familiar debunking of Democracy is that it cannot explain the whole of the facts. The actual differences in social atmosphere and political behaviour between country and country are far greater than can be explained by any theory which writes off laws, customs, traditions, etc. as mere 'superstructure'. On paper it is very simple to demonstrate that Democracy is 'just the same as' (or 'just as bad as') totalitarianism. There are concentration camps in Germany; but then there are concentration camps in India. Jews are persecuted wherever fascism reigns; but what about the colour laws in South Africa? Intellectual honesty is a crime in any totalitarian country; but even in England it is not exactly profitable to speak and write the truth. These parallels can be extended indefinitely. But the implied argument all along the line is that a difference of degree is not a difference. It is quite true, for instance, that there is political persecution in democratic countries. The question is how much. How many refugees have fled from Britain, or from the whole of the British Empire, during the past seven years? And how many from Germany? How many people personally known to you have been beaten with rubber truncheons or forced to swallow pints of castor oil? How dangerous do you feel it to be to go into the nearest pub and express your opinion that this is a capitalist war and we ought to stop fighting? Can you point to anything in recent British or American history that compares with the June Purge, the Russian Trotskyist trials, the pogrom that followed vom Rath's assassination? Could an article equivalent to the one I am writing be printed in any totalitarian country, red, brown or black? The *Daily Worker* has just been suppressed, but only after ten years of life, whereas in Rome, Moscow or Berlin it could not have survived ten days. And during the last six months of its life Great Britain was not only at war but in a more desperate predicament than at any time

since Trafalgar. Moreover – and this is the essential point – even after the *Daily Worker*'s suppression its editors are permitted to make a public fuss, issue statements in their own defence, get questions asked in Parliament and enlist the support of well-meaning people of various political shades. The swift and final 'liquidation' which would be a matter of course in a dozen other countries not only does not happen, but the possibility that it *may* happen barely enters anyone's mind.

It is not particularly significant that British Fascists and Communists should hold pro-Hitler opinions; what is significant is that they dare to express them. In doing so they are silently admitting that democratic liberties are *not* altogether a sham. During the years 1929–34 all orthodox Communists were committed to the belief that 'Social-fascism' (i.e. Socialism) was the real enemy of the workers and that capitalist Democracy was in no way whatever preferable to Fascism. Yet when Hitler came to power scores of thousands of German Communists – still uttering the same doctrine, which was not abandoned till some time later – fled to France, Switzerland, England, the USA or any other democratic country that would admit them. By their action they had belied their words; they had 'voted with their feet', as Lenin put it. And here one comes upon the best asset that capitalist Democracy has to show. It is the comparative feeling of security enjoyed by the citizens of democratic countries, the knowledge that when you talk politics with your friend there is no Gestapo ear glued to the keyhole, the belief that 'they' cannot punish you unless you have broken the law, the belief that the law is above the State. It does not matter that this belief is partly an illusion – as it is, of course. For a widespread illusion, capable of influencing public behaviour, is itself an important fact. Let us imagine that the present or some future British government decided to follow up the suppression of the *Daily Worker* by utterly destroying the Communist Party, as was done in Italy and Germany. Very probably they would find the task impossible. For political persecution of that kind can only be carried out by a full-blown Gestapo, which does not exist in England and could not at present be created. The social atmosphere is too much against it, the necessary personnel would not be forthcoming. The pacifists who assure us that if we fight against Fascism we shall 'go Fascist' ourselves forget that every political system has to be operated by human

beings, and human beings are influenced by their past. England may suffer many degenerative changes as a result of war, but it cannot, except possibly by conquest, be turned into a replica of Nazi Germany. It may develop towards some kind of Austro-fascism, but not towards Fascism of the positive, revolutionary, malignant type. The necessary human material is not there. That much we owe to three centuries of security, and to the fact that we were not beaten in the last war.

But I am not suggesting that the 'freedom' referred to in leading articles in the *Daily Worker* is the only thing worth fighting for. Capitalist Democracy is not enough in itself, and what is more it cannot be salvaged unless it changes into something else. Our Conservative statesmen, with their dead minds, probably hope and believe that the result of a British victory will be simply a return to the past: another Versailles Treaty, and then the resumption of 'normal' economic life, with millions of unemployed, deer-stalking on the Scottish moors, the Eton and Harrow match on July 11th, etc., etc. The anti-war theorists of the extreme Left fear or profess to fear the same thing. But that is a static conception which fails even at this date to grasp the power of the thing we are fighting against. Nazism may or may not be a disguise for monopoly capitalism, but at any rate it is not capitalistic in the nineteenth-century sense. It is governed by the sword and not by the cheque-book. It is a centralised economy, streamlined for war and able to use to the very utmost such labour and raw materials as it commands. An old-fashioned capitalist state, with all its forces pulling in different directions, with armaments held up for the sake of profits, incompetent idiots holding high positions by right of birth, and constant friction between class and class, obviously cannot compete with that kind of thing. If the Popular Front campaign had succeeded and England had two or three years ago joined up with France and the USSR for a preventive war – or threat of war – against Germany, British capitalism might perhaps have been given a new lease of life. But this failed to happen and Hitler has had time to arm to the full and has succeeded in driving his enemies apart. For at least another year England must fight alone, and against very heavy odds. Our advantages are, first of all, naval strength, and secondly the fact that our resources are in the long run vastly greater – if we can use them. But we can only use them if we transform our social and economic system from top

to bottom. The productivity of labour, the morale of the Home front, the attitude towards us of the coloured peoples and the conquered European populations, all ultimately depend on whether we can disprove Goebbels's charge that England is merely a selfish plutocracy fighting for the *status quo*. For if we remain that plutocracy – and Goebbels's picture is not *entirely* false – we shall be conquered. If I had to choose between Chamberlain's England and the sort of régime that Hitler means to impose on us, I would choose Chamberlain's England without a moment's hesitation. But that alternative does not really exist. Put crudely, the choice is between socialism and defeat. We must go forward, or perish.

Last summer, when England's situation was more obviously desperate than it is now, there was a widespread realisation of this fact. If the mood of the summer months has faded away, it is partly because things have turned out less disastrously than most people then expected, but partly also because there existed no political party, newspaper or outstanding individual to give the general discontent a voice and a direction. There was no one capable of explaining – in such a way as would get him a hearing – just why we were in the mess we were and what was the way out of it. The man who rallied the nation was Churchill, a gifted and courageous man, but a patriot of the limited, traditional kind. In effect Churchill said simply, 'We are fighting for England,' and the people flocked to follow him. Could anyone have so moved them by saying, 'We are fighting for socialism'? They knew that they had been let down, knew that the existing social system was all wrong and that they wanted something different – but was it socialism that they wanted? What *was* socialism, anyway? To this day the word has only a vague meaning for the great mass of English people; certainly it has no emotional appeal. Men will not die for it in anything like the numbers that they will die for King and Country. However much one may admire Churchill – and I personally have always admired him as a man and as a writer, little as I like his politics – and however grateful one may feel for what he did last summer, is it not a frightful commentary on the English socialist movement that at this date, in the moment of disaster, the people still look to a Conservative to lead them?

What England has never possessed is a socialist party which meant business *and* took account of contemporary realities. Whatever programmes

the Labour Party may issue, it has been difficult for ten years past to believe that its leaders expected or even wished to see any fundamental change in their own lifetime. Consequently, such revolutionary feeling as existed in the leftwing movement has trickled away into various blind alleys, of which the Communist one was the most important. Communism was from the first a lost cause in western Europe, and the Communist parties of the various countries early degenerated into mere publicity agents for the Russian régime. In this situation they were forced not only to change their most fundamental opinions with each shift of Russian policy, but to insult every instinct and every tradition of the people they were trying to lead. After a civil war, two famines and a purge their adopted Fatherland had settled down to oligarchical rule, rigid censorship of ideas and the slavish worship of a Fuehrer. Instead of pointing out that Russia was a backward country which we might learn from but could not be expected to imitate, the Communists were obliged to pretend that the purges, 'liquidations', etc. were healthy symptoms which any right-minded person would like to see transferred to England. Naturally the people who could be attracted by such a creed, and remain faithful to it after they had grasped its nature, tended to be neurotic or malignant types, people fascinated by the spectacle of successful cruelty. In England they could get themselves no stable mass following. But they could be, and they remain, a danger, for the simple reason that there is no other body of people calling themselves revolutionaries. If you are discontented, if you want to overthrow the existing social system by force, and if you wish to join a political party pledged to this end, then you must join the Communists; effectively there is no one else. They will not achieve their own ends, but they may achieve Hitler's. The so-called People's Convention, for instance, cannot conceivably win power in England, but it may spread enough defeatism to help Hitler very greatly at some critical moment. And between the People's Convention on the one hand, and the 'my country right or wrong' type of patriotism on the other, there is at present no seizable policy.

When the real English socialist movement appears – it must appear if we are not to be defeated, and the basis for it is already there in the conversations in a million pubs and air-raid shelters – it will cut across the existing party divisions. It will be both revolutionary and democratic. It will

aim at the most fundamental changes and be perfectly willing to use violence if necessary. But also it will recognize that not all cultures are the same, that national sentiments and traditions have to be respected if revolutions are not to fail, that England is not Russia – or China, or India. It will realise that British Democracy is *not* altogether a sham, *not* simply ‘superstructure’, that on the contrary it is something extremely valuable which must be preserved and extended, and above all, must not be insulted. That is why I have spent so much space above in answering the familiar arguments against ‘bourgeois’ Democracy. Bourgeois Democracy is not enough, but it is very much better than Fascism, and to work against it is to saw off the branch you are sitting on. The common people know this, even if the intellectuals do not. They will cling very firmly to the ‘illusion’ of Democracy and to the Western conception of honesty and common decency. It is no use appealing to them in terms of ‘realism’ and power politics, preaching the doctrines of Machiavelli in the jargon of Lawrence and Wishart. The most that that can achieve is confusion of the kind that Hitler wishes for. Any movement that can rally the mass of the English people must have as its keynotes the democratic values which the doctrinaire Marxist writes off as ‘illusion’ or ‘superstructure’. Either they will produce a version of socialism more or less in accord with their past, or they will be conquered from without, with unpredictable but certainly horrible results. Whoever tries to undermine their faith in Democracy, to chip away the moral code they derive from the Protestant centuries and the French Revolution, is not preparing power for himself, though he may be preparing it for Hitler – a process we have seen repeated so often in Europe that to mistake its nature is no longer excusable.

Literature and Totalitarianism

MAY 1941

In these weekly talks I have been speaking on criticism, which, when all is said and done, is not part of the main stream of literature. A vigorous literature can exist almost without criticism and the critical spirit, as it did in nineteenth-century England. But there is a reason why, at this particular moment, the problems involved in any serious criticism cannot be ignored. I said at the beginning of my first talk that this is not a critical age. It is an age of partisanship and not of detachment, an age in which it is especially difficult to see literary merit in a book whose conclusions you disagree with. Politics – politics in the most general sense – have invaded literature to an extent that doesn't normally happen, and this has brought to the surface of our consciousness the struggle that always goes on between the individual and the community. It is when one considers the difficulty of writing honest, unbiased criticism in a time like ours that one begins to grasp the nature of the threat that hangs over the whole of literature in the coming age.

We live in an age in which the autonomous individual is ceasing to exist – or perhaps one ought to say, in which the individual is ceasing to have the illusion of being autonomous. Now, in all that we say about literature, and above all in all that we say about criticism, we instinctively take the autonomous individual for granted. The whole of modern European literature – I am speaking of the literature of the past four hundred years – is built on the concept of intellectual honesty, or, if you like to put it that way, on Shakespeare's maxim, 'To thine own self be true'. The first thing that we ask of a writer is that he shan't tell lies, that he shall say what he really thinks, what he really feels. The worst thing we can say about a work of art is that it is insincere. And this is even truer of criticism than of creative literature, in which a certain amount of posing and mannerism and even a certain amount of downright humbug, doesn't matter so long as the writer

has a certain fundamental sincerity. Modern literature is essentially an individual thing. It is either the truthful expression of what one man thinks and feels, or it is nothing.

As I say, we take this notion for granted, and yet as soon as one puts it into words one realises how literature is menaced. For this is the age of the totalitarian state, which does not and probably cannot allow the individual any freedom whatever. When one mentions totalitarianism one thinks immediately of Germany, Russia, Italy, but I think one must face the risk that this phenomenon is going to be worldwide. It is obvious that the period of free capitalism is coming to an end and that one country after another is adopting a centralised economy that one can call Socialism or State Capitalism according as one prefers. With that the economic liberty of the individual, and to a great extent his liberty to do what he likes, to choose his own work, to move to and fro across the surface of the earth, comes to end. Now, till recently the implications of this weren't foreseen. It was never fully realised that the disappearance of economic liberty would have any effect on intellectual liberty. Socialism was usually thought of as a sort of moralised Liberalism. The state would take charge of your economic life and set you free from the fear of poverty, unemployment and so forth, but it would have no need to interfere with your private intellectual life. Art could flourish just as it had done in the liberal-capitalist age, only a little more so, because the artist would not any longer be under economic compulsions.

Now, on the existing evidence, one must admit that these ideas have been falsified. Totalitarianism has abolished freedom of thought to an extent unheard of in any previous age. And it is important to realise that its control of thought is not only negative, but positive. It not only forbids you to express – even to *think* – certain thoughts but it dictates what you *shall* think, it creates an ideology for you, it tries to govern your emotional life as well as setting up a code of conduct. And as far as possible it isolates you from the outside world, it shuts you up in an artificial universe in which you have no standards of comparison. The totalitarian state tries, at any rate, to control the thoughts and emotions of its subjects at least as completely as it controls their actions.

The question that is important for us is, can literature survive in such an atmosphere? I think one must answer shortly that it cannot. If

totalitarianism becomes worldwide and permanent, what we have known as literature must come to an end. And it won't do – as may appear plausible at first – to say that what will come to an end is merely the literature of post-Renaissance Europe. I believe that literature of every kind, from the epic poem to the critical essay, is menaced by the attempt of the modern state to control the emotional life of the individual. The people who deny this usually put forward two arguments. They say, first of all, that the so-called liberty which has existed during the last few hundred years was merely a reflection of economic anarchy, and in any case largely an illusion. And they also point out that good literature, better than anything that we can produce now, was produced in past ages, when thought was hardly freer than it is in Germany or Russia at this moment. Now this is true so far as it goes. It's true, for instance, that literature could exist in medieval Europe, when thought was under rigid control – chiefly the control of the Church – and you were liable to be burnt alive for uttering a very small heresy. The dogmatic control of the Church didn't prevent, for instance, Chaucer's *Canterbury Tales* from being written. It's also true that medieval literature, and medieval art generally, was less an individual and more a communal thing than it is now. The English ballads, for example, probably can't be attributed to any individual at all. They were probably composed communally, as I have seen ballads being composed in Eastern countries quite recently. Evidently the anarchic liberty which has characterised the Europe of the last few hundred years, the sort of atmosphere in which there are no fixed standards whatever, isn't necessary, perhaps isn't even an advantage, to literature. Good literature can be created within a fixed framework of thought.

But there are several vital differences between totalitarianism and all the orthodoxies of the past, either in Europe or in the East. The most important is that the orthodoxies of the past *didn't change*, or at least didn't change rapidly. In medieval Europe the Church dictated what you should believe, but at least it allowed you to retain the same beliefs from birth to death. It didn't tell you to believe one thing on Monday and another on Tuesday. And the same is more or less true of any orthodox Christian, Hindu, Buddhist or Moslem today. In a sense his thoughts are circumscribed, but he passes his whole life within the same framework of thought. His

emotions aren't tampered with. Now, with totalitarianism exactly the opposite is true. The peculiarity of the totalitarian state is that though it controls thought, it doesn't fix it. It sets up unquestionable dogmas, and it alters them from day to day. It needs the dogmas, because it needs absolute obedience from its subjects, but it can't avoid the changes, which are dictated by the needs of power politics. It declares itself infallible, and at the same time it attacks the very concept of objective truth. To take a crude, obvious example, every German up to September 1939 had to regard Russian Bolshevism with horror and aversion, and since September 1939 he has had to regard it with admiration and affection. If Russia and Germany go to war, as they may well do within the next few years, another equally violent change will have to take place. The German's emotional life, his loves and hatreds, are expected, when necessary, to reverse themselves overnight. I hardly need to point out the effect of this kind of thing upon literature. For writing is largely a matter of *feeling*, which can't always be controlled from outside. It is easy to pay lip-service to the orthodoxy of the moment, but writing of any consequence can only be produced when a man *feels* the truth of what he is saying; without that, the creative impulse is lacking. All the evidence we have suggests that the sudden emotional changes which totalitarianism demands of its followers are psychologically impossible. And that is the chief reason why I suggest that if totalitarianism triumphs throughout the world, literature as we have known it is at an end. And in fact, totalitarianism does seem to have had that effect so far. In Italy literature has been crippled, and in Germany it seems almost to have ceased. The most characteristic activity of the Nazis is burning books. And even in Russia the literary renaissance we once expected hasn't happened, and the most promising Russian writers show a marked tendency to commit suicide or disappear into prison.

I said earlier that liberal capitalism is obviously coming to an end, and therefore I may have seemed to suggest that freedom of thought is also inevitably doomed. But I don't believe this to be so, and I will simply say in conclusion that I believe the hope of literature's survival lies in those countries in which liberalism has struck its deepest roots, the non-military countries, Western Europe and the Americas, India and China. I believe – it may be no more than a pious hope – that though a collectivised economy is

bound to come, those countries will know how to evolve a form of Socialism which is not totalitarian, in which freedom of thought can survive the disappearance of economic individualism. That, at any rate, is the only hope to which anyone who cares for literature can cling. Whoever feels the value of literature, whoever sees the central part it plays in the development of human history, must also see the life and death necessity of resisting totalitarianism, whether it is imposed on us from without or from within.

Freedom of the Park

DECEMBER 1945

A few weeks ago, five people who were selling papers outside Hyde Park were arrested by the police for obstruction. When taken before the magistrate they were all found guilty, four of them being bound over for six months and the other sentenced to forty shillings' fine or a month's imprisonment. He preferred to serve his term, so I suppose he is still in jail at this moment.

The papers these people were selling were *Peace News*, *Forward* and *Freedom*, besides other kindred literature. *Peace News* is the organ of the Peace Pledge Union, *Freedom* (till recently called *War Commentary*) is that of the Anarchists: as for *Forward*, its politics defy definition, but at any rate it is violently Left. The magistrate, in passing sentence, stated that he was not influenced by the nature of the literature that was being sold: he was concerned merely with the fact of obstruction, and that this offence had technically been committed.

This raises several important points. To begin with, how does the law stand on the subject? As far as I can discover, selling newspapers in the street is technically obstruction, at any rate if you fail to move on when the police tell you to. So it would be legally possible for any policeman who felt like it to arrest any newsboy for selling the *Evening News*. Obviously this doesn't happen, so that the enforcement of the law depends on the discretion of the police.

And what makes the police decide to arrest one man rather than another? However it may have been with the magistrate, I find it hard to believe that in this case the police were not influenced by political considerations. It is a bit too much of a coincidence that they should have picked on people selling just those papers. If they had also arrested someone who was selling *Truth*, or the *Tablet*, or the *Spectator*, or even the *Church Times*, their impartiality would be easier to believe in.

The British police are not like a continental gendarmerie or Gestapo, but I do not think one maligns them in saying that, in the past, they have been unfriendly to Left-wing activities. They have generally shown a tendency to side with those whom they regarded as the defenders of private property. There were some scandalous cases at the time of the Mosley disturbances. At the only big Mosley meeting I ever attended, the police collaborated with the Blackshirts in 'keeping order', in a way in which they certainly would not have collaborated with Socialists or Communists. Till quite recently 'red' and 'illegal' were almost synonymous, and it was always the seller of, say, the *Daily Worker*, never the seller of, say, the *Daily Telegraph*, who was moved on and generally harassed. Apparently it can be the same, at any rate at moments, under a Labour government.

A thing I would like to know – it is a thing we hear very little about – is what changes are made in the administrative personnel when there has been a change of government. Does the police officer who has a vague notion that 'Socialism' means something against the law carry on just the same when the government itself is Socialist? It is a sound principle that the official should have no party affiliations, should serve successive governments faithfully and should not be victimised for his political opinions. Still, no government can afford to leave its enemies in key positions, and when Labour is in undisputed power for the first time – and therefore when it is taking over an administration formed by Conservatives – it clearly must make sufficient changes to prevent sabotage. The official, even when friendly to the government in power, is all too conscious that he is a permanency and can frustrate the short-lived Ministers whom he is supposed to serve.

When a Labour Government takes over, I wonder what happens to Scotland Yard Special Branch? To Military Intelligence? To the Consular Service? To the various colonial administrations – and so on and so forth? We are not told, but such symptoms as there are do not suggest that any very extensive reshuffling is going on. We are still represented abroad by the same ambassadors, and BBC censorship seems to have the same subtly reactionary colour that it always had. The BBC claims, of course, to be both independent and non-political. I was told once that its 'line', if any, was to represent the Left wing of the government in power. But that was in the

days of the Churchill Government. If it represents the Left Wing of the present Government, I have not noticed the fact.

However, the main point of this episode is that the sellers of newspapers and pamphlets should be interfered with at all. Which particular minority is singled out – whether Pacifists, Communists, Anarchists, Jehovah's Witness or the Legion of Christian Reformers who recently declared Hitler to be Jesus Christ – is a secondary matter. It is of symptomatic importance that these people should have been arrested at that particular spot. You are not allowed to sell literature inside Hyde Park, but for many years past it has been usual for the paper-sellers to station themselves just outside the gates and distribute literature connected with the open-air meetings a hundred yards away. Every kind of publication has been sold there without interference.

As for the meetings inside the Park, they are one of the minor wonders of the world. At different times I have listened there to Indian nationalists, Temperance reformers, Communists, Trotskyists, the SPGB, the Catholic Evidence Society, Freethinkers, vegetarians, Mormons, the Salvation Army, the Church Army, and a large variety of plain lunatics, all taking their turn at the rostrum in an orderly way and receiving a fairly good-humoured hearing from the crowd. Granted that Hyde Park is a special area, a sort of Alsatia where outlawed opinions are permitted to walk – still, there are very few countries in the world where you can see a similar spectacle. I have known continental Europeans, long before Hitler seized power, come away from Hyde Park astonished and even perturbed by the things they had heard Indian or Irish nationalists saying about the British Empire.

The degree of freedom of the press existing in this country is often over-rated. Technically there is great freedom, but the fact that most of the press is owned by a few people operates in much the same way as a State censorship. On the other hand freedom of speech is real. On the platform, or in certain recognised open-air spaces like Hyde Park, you can say almost anything, and, what is perhaps more significant, no one is frightened to utter his true opinions in pubs, on the tops of buses, and so forth.

The point is that the relative freedom which we enjoy depends on public opinion. The law is no protection. Governments make laws, but whether they are carried out, and how the police behave, depends on the general

temper of the country. If large numbers of people are interested in freedom of speech, there will be freedom of speech, even if the law forbids it; if public opinion is sluggish, inconvenient minorities will be persecuted, even if laws exist to protect them. The decline in the desire for intellectual liberty has not been so sharp as I would have predicted six years ago, when the war was starting, but still there has been a decline. The notion that certain opinions cannot safely be allowed a hearing is growing. It is given currency by intellectuals who confuse the issue by not distinguishing between democratic opposition and open rebellion, and it is reflected in our growing indifference to tyranny and injustice abroad. And even those who declare themselves to be in favour of freedom of opinion generally drop their claim when it is their own adversaries who are being persecuted.

I am not suggesting that the arrest of five people for selling harmless newspapers is a major calamity. When you see what is happening in the world today, it hardly seems worth squealing about such a tiny incident. All the same, it is not a good symptom that such things should happen when the war is well over, and I should feel happier if this, and the long series of similar episodes that have preceded it, were capable of raising a genuine popular clamour, and not merely a mild flutter in sections of the minority press.

Review of The Invasion from Mars

OCTOBER 1940

Nearly two years ago Mr. Orson Welles produced on the Columbia Broadcasting System in New York a radio play based on H. G. Wells's fantasia *The War of the Worlds*. The broadcast was not intended as a hoax, but it had an astonishing and unforeseen result. Thousands mistook it for a news broadcast and actually believed for a few hours that the Martians had invaded America and were marching across the countryside on steel legs a hundred feet high, massacring all and sundry with their heat rays. Some of the listeners were so panic-stricken that they leapt into their cars and fled. Exact figures are, of course, unobtainable, but the compilers of this survey (it was made by one of the research departments of Princeton) have reason to think that about six million people heard the broadcast and that well over a million were in some degree affected by the panic.

At the time this affair caused amusement all over the world, and the credulity of 'those Americans' was much commented on. However, most of the accounts that appeared abroad were somewhat misleading. The text of the Orson Welles production is given in full, and it appears that apart from the opening announcement and a piece of dialogue towards the end the whole play is done in the form of news bulletins, ostensibly real bulletins with names of stations attached to them. This is a natural enough method of producing a play of that type, but it was also natural that many people who happened to turn on the radio after the play had started should imagine that they were listening to a news broadcast. There were therefore two separate acts of belief involved: (i) that the play was a news bulletin, and (ii) that a news bulletin can be taken as truthful. And it is just here that the interest of the investigation lies.

In the USA the wireless is the principal vehicle of news. There is a great number of broadcasting stations, and virtually every family owns a radio. The authors even make the surprising statement that it is more usual to

possess a radio than to take in a newspaper. Therefore, to transfer this incident to England, one has perhaps to imagine the news of the Martian invasion appearing on the front page of one of the evening papers. Undoubtedly such a thing would cause a great stir. It is known that the newspapers are habitually untruthful, but it is also known that they cannot tell lies of more than a certain magnitude and anyone seeing huge headlines in their paper announcing the arrival of a cylinder from Mars would probably believe what he read, at any rate for the few minutes that would be needed to make some verification.

The truly astonishing thing, however, was that so few of the listeners attempted any kind of check. The compilers of the survey give details of 250 persons who mistook the broadcast for a news bulletin. It appears that over a third of them attempted no kind of verification; as soon as they heard that the end of the world was coming, they accepted it uncritically. A few imagined that it was really a German or Japanese invasion, but the majority believed in the Martians, and this included people who had only heard of the 'invasion' from neighbours, and even a few who had started off with the knowledge that they were listening to a play. Here are excerpts from one or two of their statements:

'I was visiting the pastor's wife when a boy came and said, "Some star just fell." We turned the radio on – we all felt the world was coming to an end ... I rushed to the neighbours to tell them the world was coming to an end.'

'I called in to my husband: "Dan, why don't you get dressed? You don't want to die in your working clothes.'"

'My husband took Mary into the kitchen and told her that God had put us on this earth for His honour and glory and that it was for Him to say when it was our time to go. Dad kept calling "O God, do what you can to save us.'"

'I looked in the icebox and saw some chicken left from Sunday dinner ... I said to my nephew, "We may as well eat this chicken – we won't be here in the morning.'"

'I was looking forward with some pleasure to the destruction of the entire human race ... If we have Fascist domination of the world, there is no purpose in living anyway.'

The survey does not reveal any single all-embracing explanation of the

panic. All it establishes is that the people most likely to be affected were the poor, the ill-educated and, above all, people who were economically insecure or had unhappy private lives. The evident connection between personal unhappiness and readiness to believe the incredible is its most interesting discovery. Remarks like 'Everything is so upset in the world that anything might happen,' or 'So long as everybody was going to die, it was all right,' are surprisingly common in the answers to the questionnaire. People who have been out of work or on the verge of bankruptcy for ten years may be actually relieved to hear of the approaching end of civilisation. It is a similar frame of mind that has induced whole nations to fling themselves into the arms of a Saviour. This book is a footnote to the history of the world depression, and in spite of being written in the horrible dialect of the American psychologist, it makes very entertaining reading.

Visions of a Totalitarian Future

C . 1942

The struggle for power between the Spanish Republican parties is an unhappy, far-off thing which I have no wish to revive at this date. I only mention it in order to say: believe nothing, or next to nothing, of what you read about internal affairs on the Government side. It is all, from whatever source, party propaganda – that is to say, lies. The broad truth about the war is simple enough. The Spanish bourgeoisie saw their chance of crushing the labour movement, and took it, aided by the Nazis and by the forces of reaction all over the world. It is doubtful whether more than that will ever be established.

I remember saying once to Arthur Koestler, ‘History stopped in 1936,’ at which he nodded in immediate understanding. We were both thinking of totalitarianism in general, but more particularly of the Spanish Civil War. Early in life I had noticed that no event is ever correctly reported in a newspaper, but in Spain, for the first time, I saw newspaper reports which did not bear any relation to the facts, not even the relationship which is implied in an ordinary lie. I saw great battles reported where there had been no fighting, and complete silence where hundreds of men had been killed. I saw troops who had fought bravely denounced as cowards and traitors, and others who had never seen a shot fired hailed as the heroes of imaginary victories; and I saw newspapers in London retailing these lies and eager intellectuals building emotional superstructures over events that had never happened. I saw, in fact, history being written not in terms of what happened but of what ought to have happened according to various ‘party lines’. Yet in a way, horrible as all this was, it was unimportant. It concerned secondary issues – namely, the struggle for power between the Comintern and the Spanish left-wing parties, and the efforts of the Russian Government to prevent revolution in Spain. But the broad picture of the war which the Spanish Government presented to the world was not untruthful.

The main issues were what it said they were. But as for the Fascists and their backers, how could they come even as near to the truth as that? How could they possibly mention their real aims? Their version of the war was pure fantasy, and in the circumstances it could not have been otherwise.

The only propaganda line open to the Nazis and Fascists was to represent themselves as Christian patriots saving Spain from a Russian dictatorship. This involved pretending that life in Government Spain was just one long massacre (*vide* the *Catholic Herald* or the *Daily Mail* – but these were child's play compared with the continental Fascist press), and it involved immensely exaggerating the scale of Russian intervention. Out of the huge pyramid of lies which the Catholic and reactionary press all over the world built up, let me take just one point – the presence in Spain of a Russian army. Devout Franco partisans all believed in this; estimates of its strength went as high as half a million. Now, there was no Russian army in Spain. There may have been a handful of airmen and other technicians, a few hundred at the most, but an army there was not. Some thousands of foreigners who fought in Spain, not to mention millions of Spaniards, were witnesses of this. Well, their testimony made no impression at all upon the Franco propagandists, not one of whom had set foot in Government Spain. Simultaneously these people refused utterly to admit the fact of German or Italian intervention, at the same time as the German and Italian press were openly boasting about the exploits of their 'legionaries'. I have chosen to mention only one point, but in fact the whole of Fascist propaganda about the war was on this level.

This kind of thing is frightening to me, because it often gives me the feeling that the very concept of objective truth is fading out of the world. After all, the chances are that those lies, or at any rate similar lies, will pass into history. How will the history of the Spanish War be written? If Franco remains in power his nominees will write the history books, and (to stick to my chosen point) that Russian army which never existed will become historical fact, and schoolchildren will learn about it generations hence. But suppose Fascism is finally defeated and some kind of democratic government restored in Spain in the fairly near future; even then, how is the history of the war to be written? What kind of records will Franco have left behind him? Suppose even that the records kept on the Government side are

recoverable – even so, how is a true history of the war to be written? For, as I have pointed out already, the Government also dealt extensively in lies. From the anti-Fascist angle one could write a broadly truthful history of the war, but it would be a partisan history, unreliable on every minor point. Yet, after all, *some* kind of history will be written, and after those who actually remember the war are dead, it will be universally accepted. So for all practical purposes the lie will have become truth.

I know it is the fashion to say that most of recorded history is lies anyway. I am willing to believe that history is for the most part inaccurate and biased, but what is peculiar to our own age is the abandonment of the idea that history *could* be truthfully written. In the past people deliberately lied, or they unconsciously coloured what they wrote, or they struggled after the truth, well knowing that they must make many mistakes; but in each case they believed that ‘the facts’ existed and were more or less discoverable. And in practice there was always a considerable body of fact which would have been agreed to by almost everyone. If you look up the history of the last war in, for instance, the *Encyclopaedia Britannica*, you will find that a respectable amount of the material is drawn from German sources. A British and a German historian would disagree deeply on many things, even on fundamentals, but there would still be that body of, as it were, neutral fact on which neither would seriously challenge the other. It is just this common basis of agreement, with its implication that human beings are all one species of animal, that totalitarianism destroys. Nazi theory indeed specifically denies that such a thing as ‘the truth’ exists. There is, for instance, no such thing as ‘science’. There is only ‘German science’, ‘Jewish science’ etc. The implied objective of this line of thought is a nightmare world in which the Leader, or some ruling clique, controls not only the future but *the past*. If the Leader says of such and such an event, ‘It never happened’ – well, it never happened. If he says that two and two are five – well, two and two are five. This prospect frightens me much more than bombs – and after our experiences of the last few years that is not a frivolous statement.

But is it perhaps childish or morbid to terrify oneself with visions of a totalitarian future? Before writing off the totalitarian world as a nightmare that can’t come true, just remember that in 1925 the world of today would

have seemed a nightmare that couldn't come true. Against that shifting phantasmagoric world in which black may be white tomorrow and yesterday's weather can be changed by decree, there are in reality only two safeguards. One is that however much you deny the truth, the truth goes on existing, as it were, behind your back, and you consequently can't violate it in ways that impair military efficiency. The other is that so long as some parts of the earth remain unconquered, the liberal tradition can be kept alive. Let Fascism, or possibly even a combination of several Fascisms, conquer the whole world, and those two conditions no longer exist. We in England underrate the danger of this kind of thing, because our traditions and our past security have given us a sentimental belief that it all comes right in the end and the thing you most fear never really happens. Nourished for hundreds of years on a literature in which Right invariably triumphs in the last chapter, we believe half-instinctively that evil always defeats itself in the long run. Pacifism, for instance, is founded largely on this belief. Don't resist evil, and it will somehow destroy itself. But why should it? What evidence is there that it does? And what instance is there of a modern industrialised state collapsing unless conquered from the outside by military force?

Consider for instance the re-institution of slavery. Who could have imagined twenty years ago that slavery would return to Europe? Well, slavery has been restored under our noses. The forced-labour camps all over Europe and North Africa where Poles, Russians, Jews and political prisoners of every race toil at road-making or swamp-draining for their bare rations, are simple chattel slavery. The most one can say is that the buying and selling of slaves by individuals is not yet permitted. In other ways – the breaking-up of families, for instance – the conditions are probably worse than they were on the American cotton plantations. There is no reason for thinking that this state of affairs will change while any totalitarian domination endures. We don't grasp its full implications, because in our mystical way we feel that a régime founded on slavery *must* collapse. But it is worth comparing the duration of the slave empires of antiquity with that of any modern state. Civilisations founded on slavery have lasted for such periods as four thousand years.

When I think of antiquity, the detail that frightens me is that those hundreds

of millions of slaves on whose backs civilisation rested generation after generation have left behind them no record whatever. We do not even know their names. In the whole of Greek and Roman history, how many slaves' names are known to you? I can think of two, or possibly three. One is Spartacus and the other is Epictetus. Also, in the Roman room at the British Museum there is a glass jar with the maker's name inscribed on the bottom, '*Felix fecit*'. I have a vivid mental picture of poor Felix (a Gaul with red hair and a metal collar round his neck), but in fact he may not have been a slave; so there are only two slaves whose names I definitely know, and probably few people can remember more. The rest have gone down into utter silence.

What is Fascism?

MARCH 1944

Of all the unanswered questions of our time, perhaps the most important is: 'What is Fascism?'

One of the social survey organizations in America recently asked this question of a hundred different people, and got answers ranging from 'pure democracy' to 'pure diabolism'. In this country if you ask the average thinking person to define Fascism, he usually answers by pointing to the German and Italian régimes. But this is very unsatisfactory, because even the major Fascist states differ from one another a good deal in structure and ideology.

It is not easy, for instance, to fit Germany and Japan into the same framework, and it is even harder with some of the small states which are describable as Fascist. It is usually assumed, for instance, that Fascism is inherently warlike, that it thrives in an atmosphere of war hysteria and can only solve its economic problems by means of war preparation or foreign conquests. But clearly this is not true of, say, Portugal or the various South American dictatorships. Or again, antisemitism is supposed to be one of the distinguishing marks of Fascism; but some Fascist movements are not antisemitic. Learned controversies, reverberating for years on end in American magazines, have not even been able to determine whether or not Fascism is a form of capitalism. But still, when we apply the term 'Fascism' to Germany or Japan or Mussolini's Italy, we know broadly what we mean. It is in internal politics that this word has lost the last vestige of meaning. For if you examine the press you will find that there is almost no set of people — certainly no political party or organized body of any kind — which has not been denounced as Fascist during the past ten years. Here I am not speaking of the verbal use of the term 'Fascist'. I am speaking of what I have seen in print. I have seen the words 'Fascist in sympathy', or 'of Fascist tendency', or just plain 'Fascist', applied in all seriousness to the

following bodies of people:

Conservatives: All Conservatives, appeasers or anti-appeasers, are held to be subjectively pro-Fascist. British rule in India and the Colonies is held to be indistinguishable from Nazism. Organizations of what one might call a patriotic and traditional type are labelled crypto-Fascist or 'Fascist-minded'. Examples are the Boy Scouts, the Metropolitan Police, M.I.5, the British Legion. Key phrase: 'The public schools are breeding-grounds of Fascism'.

Socialists: Defenders of old-style capitalism (example, Sir Ernest Benn) maintain that Socialism and Fascism are the same thing. Some Catholic journalists maintain that Socialists have been the principal collaborators in the Nazi-occupied countries. The same accusation is made from a different angle by the Communist party during its ultra-Left phases. In the period 1930-35 the Daily Worker habitually referred to the Labour Party as the Labour Fascists. This is echoed by other Left extremists such as Anarchists. Some Indian Nationalists consider the British trade unions to be Fascist organizations.

Communists: A considerable school of thought (examples, Rauschnig, Peter Drucker, James Burnham, F. A. Voigt) refuses to recognize a difference between the Nazi and Soviet régimes, and holds that all Fascists and Communists are aiming at approximately the same thing and are even to some extent the same people. Leaders in The Times (pre-war) have referred to the U.S.S.R. as a 'Fascist country'. Again from a different angle this is echoed by Anarchists and Trotskyists.

Trotskyists: Communists charge the Trotskyists proper, i.e. Trotsky's own organization, with being a crypto-Fascist organization in Nazi pay. This was widely believed on the Left during the Popular Front period. In their ultra-Right phases the Communists tend to apply the same accusation to all factions to the Left of themselves, e.g. Common Wealth or the I.L.P.

Catholics: Outside its own ranks, the Catholic Church is almost universally regarded as pro-Fascist, both objectively and subjectively;

War resisters: Pacifists and others who are anti-war are frequently accused not only of making things easier for the Axis, but of becoming tinged with pro-Fascist feeling.

Supporters of the war: War resisters usually base their case on the claim that

British imperialism is worse than Nazism, and tend to apply the term 'Fascist' to anyone who wishes for a military victory. The supporters of the People's Convention came near to claiming that willingness to resist a Nazi invasion was a sign of Fascist sympathies. The Home Guard was denounced as a Fascist organization as soon as it appeared. In addition, the whole of the Left tends to equate militarism with Fascism. Politically conscious private soldiers nearly always refer to their officers as 'Fascist-minded' or 'natural Fascists'. Battle-schools, spit and polish, saluting of officers are all considered conducive to Fascism. Before the war, joining the Territorials was regarded as a sign of Fascist tendencies. Conscription and a professional army are both denounced as Fascist phenomena.

Nationalists: Nationalism is universally regarded as inherently Fascist, but this is held only to apply to such national movements as the speaker happens to disapprove of. Arab nationalism, Polish nationalism, Finnish nationalism, the Indian Congress Party, the Muslim League, Zionism, and the I.R.A. are all described as Fascist but not by the same people.

* * *

It will be seen that, as used, the word 'Fascism' is almost entirely meaningless. In conversation, of course, it is used even more wildly than in print. I have heard it applied to farmers, shopkeepers, Social Credit, corporal punishment, fox-hunting, bull-fighting, the 1922 Committee, the 1941 Committee, Kipling, Gandhi, Chiang Kai-Shek, homosexuality, Priestley's broadcasts, Youth Hostels, astrology, women, dogs and I do not know what else.

Yet underneath all this mess there does lie a kind of buried meaning. To begin with, it is clear that there are very great differences, some of them easy to point out and not easy to explain away, between the régimes called Fascist and those called democratic. Secondly, if 'Fascist' means 'in sympathy with Hitler', some of the accusations I have listed above are obviously very much more justified than others. Thirdly, even the people who recklessly fling the word 'Fascist' in every direction attach at any rate an emotional significance to it. By 'Fascism' they mean, roughly speaking, something cruel, unscrupulous, arrogant, obscurantist, anti-liberal and anti-working-class. Except for the relatively small number of Fascist sympathizers, almost any English person would accept 'bully' as a

synonym for 'Fascist'. That is about as near to a definition as this much-abused word has come.

But Fascism is also a political and economic system. Why, then, cannot we have a clear and generally accepted definition of it? Alas! we shall not get one — not yet, anyway. To say why would take too long, but basically it is because it is impossible to define Fascism satisfactorily without making admissions which neither the Fascists themselves, nor the Conservatives, nor Socialists of any colour, are willing to make. All one can do for the moment is to use the word with a certain amount of circumspection and not, as is usually done, degrade it to the level of a swearword.

TRIBUNE, 1944

Review of Mein Kampf, by Adolf Hitler

MARCH 1940

“It is a sign of the speed at which events are moving that Hurst and Blackett’s unexpurgated edition of Mein Kampf, published only a year ago, is edited from a pro-Hitler angle. The obvious intention of the translator’s preface and notes is to tone down the book’s ferocity and present Hitler in as kindly a light as possible. For at that date Hitler was still respectable. He had crushed the German labour movement, and for that the property-owning classes were willing to forgive him almost anything. Both Left and Right concurred in the very shallow notion that National Socialism was merely a version of Conservatism.

Then suddenly it turned out that Hitler was not respectable after all. As one result of this, Hurst and Blackett’s edition was reissued in a new jacket explaining that all profits would be devoted to the Red Cross. Nevertheless, simply on the internal evidence of Mein Kampf, it is difficult to believe that any real change has taken place in Hitler’s aims and opinions. When one compares his utterances of a year or so ago with those made fifteen years earlier, a thing that strikes one is the rigidity of his mind, the way in which his world-view doesn’t develop. It is the fixed vision of a monomaniac and not likely to be much affected by the temporary manoeuvres of power politics. Probably, in Hitler’s own mind, the Russo-German Pact represents no more than an alteration of time-table. The plan laid down in Mein Kampf was to smash Russia first, with the implied intention of smashing England afterwards. Now, as it has turned out, England has got to be dealt with first, because Russia was the more easily bribed of the two. But Russia’s turn will come when England is out of the picture—that, no doubt, is how Hitler sees it. Whether it will turn out that way is of course a different question.

Suppose that Hitler’s programme could be put into effect. What he envisages, a hundred years hence, is a continuous state of 250 million

Germans with plenty of 'living room' (i.e. stretching to Afghanistan or thereabouts), a horrible brainless empire in which, essentially, nothing ever happens except the training of young men for war and the endless breeding of fresh cannon-fodder. How was it that he was able to put this monstrous vision across? It is easy to say that at one stage of his career he was financed by the heavy industrialists, who saw in him the man who would smash the Socialists and Communists. They would not have backed him, however, if he had not talked a great movement into existence already. Again, the situation in Germany, with its seven million unemployed, was obviously favourable for demagogues. But Hitler could not have succeeded against his many rivals if it had not been for the attraction of his own personality, which one can feel even in the clumsy writing of *Mein Kampf*, and which is no doubt overwhelming when one hears his speeches... The fact is that there is something deeply appealing about him. One feels it again when one sees his photographs—and I recommend especially the photograph at the beginning of Hurst and Blackett's edition, which shows Hitler in his early Brownshirt days. It is a pathetic, dog-like face, the face of a man suffering under intolerable wrongs. In a rather more manly way it reproduces the expression of innumerable pictures of Christ crucified, and there is little doubt that that is how Hitler sees himself. The initial, personal cause of his grievance against the universe can only be guessed at; but at any rate the grievance is here. He is the martyr, the victim, Prometheus chained to the rock, the self-sacrificing hero who fights single-handed against impossible odds. If he were killing a mouse he would know how to make it seem like a dragon. One feels, as with Napoleon, that he is fighting against destiny, that he can't win, and yet that he somehow deserves to. The attraction of such a pose is of course enormous; half the films that one sees turn upon some such theme.

Also he has grasped the falsity of the hedonistic attitude to life. Nearly all western thought since the last war, certainly all 'progressive' thought, has assumed tacitly that human beings desire nothing beyond ease, security and avoidance of pain. In such a view of life there is no room, for instance, for patriotism and the military virtues. The Socialist who finds his children playing with soldiers is usually upset, but he is never able to think of a substitute for the tin soldiers; tin pacifists somehow won't do. Hitler,

because in his own joyless mind he feels it with exceptional strength, knows that human beings don't only want comfort, safety, short working-hours, hygiene, birth-control and, in general, common sense; they also, at least intermittently, want struggle and self-sacrifice, not to mention drums, flags and loyalty-parades. However they may be as economic theories, Fascism and Nazism are psychologically far sounder than any hedonistic conception of life. The same is probably true of Stalin's militarised version of Socialism. All three of the great dictators have enhanced their power by imposing intolerable burdens on their peoples. Whereas Socialism, and even capitalism in a more grudging way, have said to people 'I offer you a good time,' Hitler has said to them 'I offer you struggle, danger and death,' and as a result a whole nation flings itself at his feet. Perhaps later on they will get sick of it and change their minds, as at the end of the last war. After a few years of slaughter and starvation 'Greatest happiness of the greatest number' is a good slogan, but at this moment 'Better an end with horror than a horror without end' is a winner. Now that we are fighting against the man who coined it, we ought not to underrate its emotional appeal."

The New English Weekly, March 21, 1940

Prophecies of Fascism

JUNE 1940

Review of *The Iron Heel* by Jack London; *The Sleeper Awakes* by H. G. Wells; *Brave New World* by Aldous Huxley; *The Secret of the League* by Ernest Bramah.

The reprinting of Jack London's *The Iron Heel* brings within general reach a book which has been much sought after during the years of Fascist aggression. Like others of Jack London's books it has been widely read in Germany, and it has had the reputation of being an accurate forecast of the coming of Hitler. In reality it is not that. It is merely a tale of capitalist oppression, and it was written at a time when various things that have made Fascism possible — for instance, the tremendous revival of nationalism — were not easy to foresee.

Where London did show special insight, however, was in realizing the transition to Socialism was not going to be automatic or even easy. The capitalist class was not going to 'perish of its own contradictions' like a flower dying at the end of the season. The capitalist class was quite clever enough to see what was happening, to sink its own differences and counter-attack against the workers; and the resulting struggle would be the most bloody and unscrupulous the world had ever seen.

It is worth comparing *The Iron Heel* with another imaginative novel of the future which was written somewhat earlier and to which it owes something, H. G. Wells's *The Sleeper Wakes*. [The correct title is *When the Sleeper Wakes: A Story of Years to Come* (1899)] By doing so one can see both London's limitations and also the advantage to be enjoyed in not being, like Wells, a fully civilized man. As a book, *The Iron Heel* is hugely inferior. It is clumsily written, it shows no grasp of scientific possibilities, and the hero is the kind of human gramophone who is now disappearing even from Socialist tracts. But because of his own streak of savagery, London could grasp something that Wells apparently could not, and that is that hedonistic

societies do not endure.

Everyone who has ever read *The Sleeper Wakes* remembers it. It is a vision of a glittering, sinister world in which society has hardened into a caste system and the workers are permanently enslaved. It is also a world without purpose in which the upper castes for whom the workers toil are completely soft, cynical and faithless. There is no consciousness of any object in life, nothing corresponding to the fervour of the revolutionary or the religious martyr.

In Aldous Huxley's *Brave New World*, a sort of post-war parody of the Wellsian Utopia, these tendencies are immensely exaggerated. Here the hedonistic principle is pushed to its utmost, the whole world has turned into a Riviera hotel. But though *Brave New World* was a brilliant caricature of the present (the present of 1930), it probably casts no light on the future. No society of that kind would last more than a couple of generations, because a ruling class which thought principally in terms of a 'good time' would soon lose its vitality. A ruling class has got to have a strict morality, a quasi-religious belief in itself, a mystique. London was aware of this, and though he describes the caste of plutocrats who rule the world for seven centuries as inhuman monsters, he does not describe them as idlers or sensualists. They can only maintain their position while they honestly believe that civilization depends on themselves alone, and therefore in a different way they are just as brave, able and devoted as the revolutionaries who oppose them.

In an intellectual way London accepted the conclusions of Marxism, and he imagined that the 'contradictions' of capitalism, the unconsumable surplus and so forth, would persist even after the capitalist class had organized themselves into a single corporate body. But temperamentally he was very different from the majority of Marxists. With his love of violence and physical strength, his belief in 'natural aristocracy', his animal-worship and exaltation of the primitive, he had in him what some might fairly call a Fascist strain. This probably helped him to understand just how the possessing class would behave when once they were seriously menaced.

It is just there that Marxian Socialists have usually fallen short. Their interpretation of history has been so mechanistic that they have failed to foresee dangers that were obvious to people who had never heard the name

of Marx. It is sometimes urged against Marx that he failed to predict the rise of Fascism. I do not know whether he predicted it or not — at that date he could only have done so in very general terms — but it is at any rate certain that his followers failed to see any danger in Fascism until they themselves were at the gate of the concentration camp. A year or more after Hitler had risen to power official Marxism was still proclaiming that Hitler was of no importance and ‘Social Fascism’ (i.e. democracy) was the real enemy. London would probably not have made this mistake. His instincts would have warned him that Hitler was dangerous. He knew that economic laws do not operate in the same way as the law of gravity, that they can be held up for long periods by people who, like Hitler, believe in their own destiny. *The Iron Hell* and *The Sleeper Wakes* are both written from the popular standpoint. *Brave New World*, though primarily an attack on hedonism, is also by implication an attack on totalitarianism and caste rule. It is interesting to compare them with a less well-known Utopia which treats the class struggle from the upper of rather the middle-class point of view, Ernest Bramah’s *The Secret of the League*.

The Secret of the League was written in 1907, when the growth of the labour movement was beginning to terrify the middle class, who wrongly imagined that they were menaced from below and not from above. As a political forecast it is trivial, but it is of great interest for the light it casts on the mentality of the struggling middle class.

The author imagines a Labour government coming into office with so huge a majority that it is impossible to dislodge them. They do not, however, introduce a full Socialist economy. They merely continue to operate capitalism for their own benefit by constantly raising wages, creating a huge army of bureaucrats and taxing the upper classes out of existence. The country is therefore ‘going to the dogs’ in the familiar manner; moreover in their foreign politics the Labour Government behave rather like the National Government between 1931 and 1939. Against this there arises a secret conspiracy of the middle and upper classes, the manner of their revolt is very ingenious, provided that one looks upon capitalism as something internal: it is the method of the consumers’ strike. Over a period of two years the upper-class conspirators secretly hoard fuel-oil and convert coal-burning plants to oil-burning; then they suddenly boycott the principal

British industry, the coal industry. The miners are faced with a situation in which they will be able to sell no coal for two years. There is vast unemployment and distress, ending in civil war, in which (thirty years before General Franco!) the upper classes receive foreign aid. After their victory they abolish the trade union and institute a 'strong' non-parliamentary régime that we should now describe as Fascist. The tone of the book is good-natured, as it could afford to be at that date, but the trend of thought is unmistakable.

Why should a decent and kindly writer like Ernest Bramah find the crushing of the proletariat a pleasant vision? It is simply the reaction of a struggling class which felt itself menaced not so much in its economic position as in its code of conduct and way of life. One can see the same purely social antagonism to the working class in an earlier writer of much greater calibre, George Gissing. Time, and Hitler, have taught the middle classes a great deal, and perhaps they will not again side with their oppressors against their natural allies. But whether they do so or not depends partly on how they are handled, and the stupidity of Socialist propaganda, with its constant baiting of the 'petty bourgeois', has a lot to answer for.



Bônus

Espero que tenha gostado deste livro. Conheça também as cartas de Sêneca a Lucílio.

Nas páginas seguintes estão a primeira carta do Volume I e do Volume II, aproveite.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

Obras filosóficas de Sêneca:

- [Cartas de um Estoico, Vol I](#) (*Epistulae morales ad Lucilium*)
- [Cartas de um Estoico, Vol II](#)
- [Cartas de um Estoico, Vol III](#)
- [Sobre a Ira](#) (*De Ira*)
- [Consolação a Márcia](#) (*Ad Marciam, De consolatione*)
- [Consolação a Minha Mãe Hélvia](#) (*Ad Helviam matrem, De consolatione*)
- [Consolação a Políbio](#) (*De Consolatione ad Polybium*)
- [Sobre a Brevidade da vida](#) (*De Brevitate Vitae*)
- [Da Clemência](#) (*De Clementia*)
- [Sobre Constância do sábio](#) (*De Constantia Sapientis*)
- [A Vida Feliz](#) (*De Vita Beata*)
- [Sobre os Benefícios](#) (*De Beneficiis*)
- [Sobre a Tranquilidade da alma](#) (*De Tranquillitate Animi*)
- [Sobre o Ócio](#) (*De Otio*)
- [Sobre a Providência Divina](#) (*De Providentia*)
- Sobre a Superstição (*De Superstitione*) perdida, citada por Santo Agostinho.

Biografia de Sêneca

- [Sêneca, Vida e Filosofia](#) por *Francis Holland*.

Obras [Filosóficas](#)

- [Meditações de Marco Aurélio](#)
- [Discurso da Servidão Voluntária](#) por *Étienne de La Boétie*
- [Fascismo e Democracia](#) por *George Orwell*
- [A Vida Intelectual](#) por *Antonin-Dalmace Sertillanges*
- [A Arte de ter Razão](#) por *Arthur Schopenhauer*
- [Estoicismo, Guia Definitivo](#) por *St. George Stock*
- [Ciropédia](#) por *Xenofonte*
- [Utopia](#) por *Thomas More*
- [Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres](#) por *Diógenes Laércio*
- [Andar a Pé](#) por *Henry David Thoreau*
- [Carta a Meneceu sobre a felicidade](#) por *Epicuro*
- [Epicuro, Cartas e Princípios](#) por *Epicuro*
- [O Dever do Advogado](#) por *Ruy Barbosa*
- [Os Sermões](#) por *Padre António Vieira*



I. Sobre aproveitar o tempo

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Continue a agir assim, meu querido Lucílio: liberte-se por conta própria; poupe e aproveite seu tempo, que até recentemente tem sido retirado a força de você ou furtado ou simplesmente escapado de suas mãos. Faça-se acreditar na verdade de minhas palavras: que certos momentos são arrancados de nós, que alguns são removidos suavemente e que outros fogem além de nosso alcance. O tipo mais desgraçado de perda, no entanto, é aquele devido ao descuido. Ademais, se você prestar atenção ao problema, você verá que a maior parte de nossa vida passa enquanto estamos fazendo coisas desagradáveis, uma boa parte enquanto não estamos fazendo nada e tudo isso enquanto estamos fazendo o que não deveríamos fazer.

2. Qual homem você pode me mostrar que coloca algum valor em seu tempo, que dá o devido valor a cada dia, que entende que está morrendo diariamente? Pois estamos equivocados quando pensamos que a morte é coisa do futuro; a maior parte da morte já passou. Quaisquer anos atrás de nós já estão nas mãos da morte. Portanto, Lucílio, faça como você me escreve que você está fazendo: mantenha cada hora ao seu alcance. Agarre a tarefa de hoje e você não precisará depender tanto do amanhã. Enquanto estamos postergando, a vida corre.

3. **Nada, Lucílio, é nosso, exceto o tempo. A natureza nos deu o privilégio desta única coisa, tão fugaz e escorregadia que qualquer um pode esbulhar tal posse.** Que tolos esses mortais são! Eles permitem que as coisas mais baratas e inúteis, que podem ser facilmente substituídas, sejam contabilizadas depois de terem sido adquiridas; mas nunca se consideram em dívida quando recebem parte dessa preciosa mercadoria, o tempo! E, no entanto, o tempo é o único empréstimo que nem o mais agradecido destinatário pode pagar.

4. Você pode desejar saber como eu, que prego a você, estou praticando.

Confesso francamente: meu saldo em conta corrente é como o esperado de alguém generoso mas cuidadoso. Não posso vangloriar-me de não desperdiçar nada, mas pelo menos posso lhe dizer o que estou desperdiçando, a causa e a maneira de desperdício; posso lhe dar as razões pelas quais sou um homem pobre. Minha situação, no entanto, é a mesma de muitos que são reduzidos a miséria sem culpa própria: todos os perdoam, mas ninguém vem em seu socorro.

5. Qual é o estado das coisas, então? É isto: eu não considero um homem como pobre, se o pouco que lhe resta o é suficiente. Contudo, aconselho-o a preservar o que é realmente seu; e nunca é cedo demais para começar. Pois, como acreditavam os nossos antepassados, é demasiado tarde para gastarmos quando chegarmos à raspa do tacho.¹ Daquilo que permanece no fundo, a quantidade é pouca e a qualidade é vil.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.



Notas:

¹ Tradução, por Sêneca, de frase célebre de Hesíodo

LXVI. Sobre vários aspectos da virtude

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Acabei de ver meu ex-colega de escola, Clarano, pela primeira vez em muitos anos. Você não precisa esperar que eu acrescente que ele é um homem velho. Mas asseguro-lhe que o encontrei são em espírito e robusto, embora ele esteja lutando com um corpo frágil e fraco. Pois a Natureza agiu de forma injusta quando lhe deu um pobre domicílio para uma alma tão rara. Ou talvez foi porque ela queria nos provar que uma mente absolutamente forte e feliz pode estar escondida sob qualquer exterior. Seja como for, Clarano supera todos esses obstáculos e, por desprezar seu próprio corpo, chegou a um estágio onde ele pode desprezar outras coisas também.

2. O poeta que cantou:

Valor mostra mais agradável em uma forma que é justa

gratior et pulchro veniens e corpore virtus. ²³⁸

está, na minha opinião, enganado. Pois a virtude não precisa de nada para compensá-la, é sua própria glória e santifica o corpo em que habita. De qualquer modo, comecei a considerar Clarano sob uma luz diferente: ele parece-me simpático e bem construído tanto em corpo como na mente.

3. Assim como um grande homem pode nascer em um casebre, pode também uma linda e grande alma nascer em um corpo feio e insignificante. Por esta razão a natureza parece criar alguns homens deste selo com o objetivo de provar que a virtude nasce em qualquer lugar. Se tivesse sido possível produzir almas puras e nuas, desprovidas de corpo, ela o teria feito. Como é, a natureza faz uma coisa ainda maior, pois ela produz certos homens que, embora impedidos em seus corpos, ainda assim rompem a obstrução de qualquer obstáculo.

4. Creio que Clarano foi produzido como um exemplo, para que possamos entender que a alma não é desfigurada pela feiura do corpo, mas pelo

contrário, que o corpo é embelezado pela beleza da alma. Agora, apesar de Clarano e eu termos passado muito poucos dias juntos, tivemos muitas conversas, as quais vou em seguida verter e transmitir a você.

5. No primeiro dia investigamos esse problema: como todos os bens podem ser iguais sendo tríplice a respectiva natureza?²³⁹ Pois alguns deles, de acordo com os nossos princípios filosóficos, são primários, como a alegria, a paz e o bem-estar de um país. Outros são de segunda ordem, moldados de um material infeliz, como a resistência ao sofrimento e o autocontrole durante uma doença grave. Rezaremos abertamente pelos bens da primeira classe; para a segunda classe, oraremos somente se a necessidade surgir. Há ainda uma terceira variedade como, por exemplo, um andar modesto, um semblante calmo e honesto, e um comportamento que se adapte ao homem de sabedoria.

6. Agora, como podem estes tipos de bens serem iguais quando os comparamos, se você conceder que devemos orar por um e evitar o outro? Se fizermos distinções entre eles, devemos retornar ao Sumo Bem e considerar qual é a sua natureza: a alma que olha para a verdade, que é hábil no que deve ser buscado e no que deve ser evitado, estabelecendo padrões de valor não de acordo com a opinião, mas de acordo com a natureza, uma alma que penetra o mundo inteiro e dirige seu olhar contemplativo sobre todos os seus fenômenos, prestando atenção estrita aos pensamentos e ações, igualmente grande e vigorosa, superior às dificuldades e as lisonjas, não cedendo a nenhum dos extremos da Fortuna, acima de todas as bênçãos e aflições, absolutamente linda, perfeitamente equipada com graça, bem como com força, saudável e vigorosa, imperturbável, nunca consternada, uma alma que força alguma pode vergar ou destruir, uma que o acaso não pode exaltar nem deprimir – uma alma como esta é a própria personificação da virtude.

7. Esta seria sua aparência externa, se viesse sob um único aspecto e mostrasse uma vez só toda a sua integridade. Mas há muitos aspectos disso. Desdobram-se de acordo com a vida e ações; mas a própria virtude não se torna menor ou maior. Pois o Sumo Bem não pode diminuir nem a virtude retroceder. Em vez disso, a virtude é transformada, agora em uma qualidade e depois em outra, moldando-se de acordo com a função que está desempenhando.

8. Tudo o que ela toca leva à semelhança consigo mesma e tinge com sua própria cor. Adorna nossas ações, nossas amizades e, às vezes, casas inteiras onde entrou e pôs em ordem pela harmonia. Seja o que for que tenha tocado, imediatamente torna-o amável, notável, admirável. Portanto, o poder e a grandeza da virtude não podem elevar-se a alturas maiores, porque o incremento é negado àquilo que é superlativamente grande. Você não encontrará nada mais reto do que o reto, nada mais verdadeiro do que a verdade e nada mais moderado do que a moderação.

9. Toda virtude é ilimitada, pois limites dependem de medições definidas. A constância não pode avançar mais do que a fidelidade, a veracidade ou a lealdade. O que pode ser acrescentado ao que é perfeito? Nem se pode acrescentar nada à virtude pois, se alguma coisa puder ser acrescentada a ela, seria necessário que ela tivesse alguma imperfeição. Honra, também, não permite adição, pois é honrado por causa das mesmas qualidades que mencionei. E então? Você acha que a correção, a justiça, a legalidade, também não pertencem ao mesmo tipo e que elas são mantidas dentro de limites fixos? **A capacidade de melhorar é a prova de que uma coisa ainda é imperfeita.**

10. O bem, em todos os casos, está sujeito a essas mesmas leis. O interesse privado e o interesse público estão juntos; na verdade, é tão impossível separá-los quanto separar o louvável do desejável. Portanto, as virtudes são mutuamente iguais e assim são as obras da virtude e todos os homens que são tão afortunados de possuir essas virtudes.

11. Mas, como as virtudes das plantas e dos animais são perecíveis, são também frágeis, passageiras e incertas. Elas brotam e elas afundam novamente e por isso não são avaliadas ao mesmo valor, mas às virtudes humanas apenas uma regra se aplica. Pois a razão correta é única e de um só tipo. Nada é mais divino do que o divino ou mais celestial do que o celestial.

12. As coisas mortais decaem, caem, são desgastadas, crescem, são esgotadas e reabastecidas. Assim, no caso delas, em vista da incerteza de sua Fortuna, há desigualdade; mas das coisas divinas, a natureza é única. A razão, entretanto, não é nada mais do que uma porção do espírito divino colocado em um corpo humano. Se a razão é divina e o bem nunca carece de razão, então o bem é sempre divino. E além disso, não há distinção entre

as coisas divinas. Consequentemente também não existe nenhuma distinção entre bens. Daí resulta que a alegria e uma corajosa e obstinada resistência à tortura são bens equivalentes, pois em ambas situações há a mesma grandeza de alma; descontraída e alegre em um caso e combativa e pronta para a ação no outro.

13. O quê? Você não acha que a virtude daquele que bravamente ataca a fortaleza do inimigo é igual a daquele que sofre um cerco com a maior paciência? Houve grandeza em Cipião quando seu comando pôs cerco a Numância e o cingiu de tal forma que obrigou homens até então invencíveis à autodestruição. Mas grandes também são as almas dos defensores sitiados ao perceberem que não está realmente cercado quem é livre para morrer e, por isso mesmo, morrem abraçados à liberdade.²⁴⁰ Do mesmo modo, as outras virtudes também são iguais entre si: tranquilidade, simplicidade, generosidade, constância, equanimidade, resistência. Porque subjacente a todas elas há uma única virtude, a qual proporciona à alma a retidão e a constância de propósitos.

14. “*O que então*”, você diz, “*não há diferença entre a alegria e a obstinada resistência à dor?*” De forma alguma, não em relação às próprias virtudes, muito grande, no entanto, nas circunstâncias em que uma dessas duas virtudes é exibida. Em um caso, há um relaxamento natural e afrouxamento da alma, no outro há uma dor não natural. Daí que estas circunstâncias, entre as quais uma grande distinção pode ser estabelecida, pertencem à categoria de coisas indiferentes, mas a virtude mostrada em cada caso é igual.

15. A virtude não é alterada pela questão com a qual trata. Se a matéria é dura e teimosa, não piora a virtude, se agradável e alegre, não a torna melhor. Portanto, a virtude permanece necessariamente igual. Pois, em cada caso, o que se faz é feito com igual retidão, com igual sabedoria e com igual honra. Assim, os estados de bondade envolvidos são iguais e é impossível para um homem ultrapassar esses estados de bondade, por conduzir-se melhor, seja um homem em sua alegria, ou o outro em meio a seu sofrimento. E dois bens, quando nenhum deles pode ser melhor que o outro, são iguais.

16. Pois se as coisas que são extrínsecas à virtude podem diminuir ou

aumentar a virtude, então o que é honroso deixa de ser o único bem. Se você aceitar isso, a honra perece completamente. E por que? Deixe-me dizer-lhe: é porque nenhum ato é honrado quando é feito por um agente involuntário, quando é obrigatório. Cada ato honorável é voluntário. Misture-o com relutância, queixas, covardia ou medo e ele perde sua melhor característica: auto aprovação. O que não é livre não pode ser honrado, pois medo significa escravidão.

17. O bem moral está totalmente livre da ansiedade e é calmo, se alguma vez objeta, lamenta ou considera qualquer coisa como um mal, torna-se sujeito a perturbação e começa a chafurdar em meio a grande confusão. Pois, de um lado, a aparência de correção o atrai, por outro, a suspeita do mal o arrasta para trás, portanto, quando um homem está prestes a fazer algo honorável ele não deve considerar quaisquer obstáculos como infortúnios, embora os considere como inconvenientes, mas ele deve querer fazer a ação e fazê-la de boa vontade. Pois todo ato virtuoso é feito sem ordens ou coação; é puro e não contém mistura de mal.

18. Eu sei o que você pode me responder neste momento: “*Você está tentando fazer-me acreditar que não importa se um homem sente a alegria ou se encontra-se sob tortura e esgota seu torturador?*” Poderia dizer em resposta: “*Epicuro também sustenta que o sábio, embora esteja sendo queimado no touro de Fálaris,*²⁴¹ *clamará: é agradável e não me preocupa em absoluto*”. Por que você precisa se admirar, se eu afirmo que aquele que repousa num banquete e a vítima que resiste firmemente à tortura possuem bens iguais, quando Epicuro mantém uma coisa que é mais difícil de acreditar, ou seja, que é agradável ser assado desta maneira?

19. Mas a resposta que eu dou é que há grande diferença entre alegria e dor; se me pedem para escolher, vou procurar a primeira e evitar a última. A primeira está de acordo com a natureza, a segunda é contrária a ela. Enquanto são classificadas por este padrão, há um grande abismo entre elas; mas quando se trata de uma questão da virtude envolvida, a virtude em cada caso é a mesma, quer venha através da alegria ou através da tristeza.

20. A vexação, a dor e outros inconvenientes não têm consequências, pois são vencidos pela virtude. Assim como o brilho do sol escurece todas as luzes menores, também a virtude, por sua própria grandeza, quebra e

abrandando todas as dores, aborrecimentos e erros. Onde quer que seu brilho chegue, todas as luzes que brilham sem a ajuda da virtude são extintas e os inconvenientes, quando entram em contato com a virtude, não desempenham um papel mais importante do que uma nuvem de tempestade no mar.

21. Isto pode ser provado para você pelo fato de que o bom homem apressar-se-á sem hesitação a qualquer ação nobre. Mesmo que seja confrontado com o carrasco, o torturador e o pelourinho, ele persistirá, não quanto ao que ele deve sofrer, mas quanto ao que deve fazer, desempenhando tão prontamente uma ação honrosa quanto se estivesse na presença de um homem bom; ele considerará vantajoso para si mesmo, seguro e propício. E ele manterá o mesmo ponto de vista sobre uma ação honrosa, ainda que seja carregada de tristeza e dificuldades, como sobre um homem de bem que é pobre, doente ou desaproveitado no exílio.

22. Agora, compare um homem de bem extremamente rico com um homem que não tem nada, exceto que em si mesmo tem todas as coisas: eles serão igualmente bons, embora experimentem Fortuna desigual. Este mesmo padrão, como tenho observado, deve ser aplicado tanto às coisas quanto aos homens. A virtude é tão louvável se ela habita num corpo sadio e livre, como se em alguém que está doente ou em escravidão.

23. Portanto, quanto à sua própria virtude, não a louvará mais se a Fortuna a favorecer concedendo-lhe um corpo sadio, do que se a Fortuna lhe der um corpo que é mutilado em algum membro, pois isso significaria classificar inferiormente um mestre porque ele está vestido como um escravo. Pois todas aquelas coisas sobre as quais a Fortuna tem influência - bens materiais, dinheiro, posses, posição - são fracas, inconstantes, propensas a perecer e de posse incerta. Por outro lado, as obras da virtude são livres e insubmissas, nem mais dignas de serem procuradas quando a Fortuna as trata com bondade, nem menos dignas quando alguma adversidade pesa sobre elas.

24. A amizade, no caso dos homens, corresponde à desejabilidade, no caso das coisas. Você não gostaria, eu imagino, de amar um bom homem, se ele fosse rico, mais do que se fosse pobre, e não amaria uma pessoa forte e musculosa mais do que uma pessoa delgada e de constituição delicada. Assim, nem procurará nem amará uma coisa boa que seja divertida e

tranquila mais do que uma que é cheia de perplexidade e labuta.

25. Ou, se você fizer isso, você vai, no caso de dois homens igualmente bons, gostar mais de quem é limpo e bem-asseado do que daquele que é sujo e despenteado. Você chegaria ao ponto de se importar mais com um homem bom que é são em todos os seus membros e sem defeito, do que com alguém que é fraco ou cego. Gradualmente sua exigência alcançaria tal ponto que, de dois homens igualmente justos e prudentes, você escolheria aquele que tem cabelos longos e ondulados! Sempre que a virtude em cada um é igual, a desigualdade em seus outros atributos não é aparente. Pois todas as outras coisas não são essenciais, mas apenas acessórios.

26. Qualquer homem julgaria seus filhos de modo tão injusto a fim de se preferir mais um filho saudável do que um doente, ou a um filho alto, de estatura incomum, mais do que a outro de pouca ou de baixa estatura? Os animais selvagens não mostram nenhum favoritismo entre sua prole; eles se deitam para amamentar todos igualmente. Aves fazem a distribuição justa de seus alimentos. Ulisses apressa-se de volta às rochas de sua Ítaca tão ansiosamente quanto Agamenon acelera até as majestosas muralhas de Micenas. Porque nenhum homem ama a sua terra natal porque ela é grande, ele a ama porque é sua.

27. E qual é o propósito de tudo isso? Que você saiba que a virtude considera todas as suas obras sob a mesma luz, como se fossem seus filhos, mostrando a mesma bondade a todos e ainda mais profunda bondade àqueles que encontram dificuldades. Pois mesmo os pais inclinam-se com mais afeição aos filhos por quem sentem piedade. A virtude, também, não necessariamente ama mais profundamente aquelas de suas obras que vê em problemas e sob pesados fardos, mas, como bons pais, ela lhes dá mais de seus cuidados de acolhimento.

28. Por que nenhum bem é maior do que qualquer outro bem? É porque nada pode ser mais apropriado do que aquele que é apropriado e nada mais nivelado do que aquilo que está nivelado. De duas coisas iguais a uma terceira você não poderá dizer que uma delas é "mais igual" do que a outra! Por isso mesmo nada pode haver de mais moral do que a própria moralidade.

29. Assim, se todas as virtudes são iguais por natureza, as três variedades de

bens são iguais. Isto é o que quero dizer: há uma igualdade entre sentir alegria com autocontrole e sofrer dor com autocontrole. A alegria em um caso não ultrapassa no outro a firmeza da alma que afoga o gemido quando está nas garras do torturador; são desejáveis os bens do primeiro tipo, enquanto os do segundo são dignos de admiração e, em cada caso, não são menos iguais, porque qualquer inconveniente atribuído a este último é compensado pelas qualidades do bem, que é muito maior.

30. Qualquer homem que os julgue desiguais está se afastando das próprias virtudes e está examinando meras exterioridades. Os bens verdadeiros têm o mesmo peso e o mesmo volume. O tipo espúrio contém muito vazio, quando são pesados, percebemos sua deficiência embora pareçam imponentes e grandiosos ao olhar.

31. Sim, meu caro Lucílio, o bem que a verdadeira razão aprova é sólido e eterno, fortalece o espírito e exalta-o, para que ele esteja sempre nas alturas. Mas as coisas que são irrefletidamente elogiadas e são bens na opinião da multidão meramente nos encham de alegria vazia. E, novamente, aquelas coisas que são temidas como se fossem males apenas inspiram ansiedade na mente dos homens, pois a mente é perturbada pela aparência do perigo, assim como os animais também o são perturbados.

32. Portanto, é sem razão que ambas as coisas distraiam e piquem o espírito: um não é digno de alegria nem o outro de medo. Somente a razão é imutável e se apegue a suas decisões. Pois a razão não é escrava dos sentidos, mas uma governante sobre eles. A razão é igual à razão, como uma linha reta para outra; portanto a virtude também é igual à virtude. A virtude não é nada mais do que razão correta. Todas as virtudes são razões. As razões são razões, se são razões certas. Se elas estão certas, elas também são iguais.

33. Como a razão é, assim também são as ações; portanto, todas as ações são iguais. Pois, uma vez que se assemelham à razão, também se assemelham umas às outras. Além disso, considero que as ações são iguais entre si, na medida em que são ações honradas e corretas. Haverá, naturalmente, grandes diferenças de acordo com a variação do material, como se torna agora mais amplo e depois mais estreito, agora glorioso e depois inferior, agora múltiplo no alcance e depois limitado. No entanto, o que é melhor em todos estes casos é igual; eles são todos honrados.

34. Da mesma forma, todos os homens bons, na medida em que são bons, são iguais. Há, de fato, diferenças de idade, um é mais velho, outro mais jovem; de constituição física, uns são belos, outros feios; de condições de vida, este homem é rico, aquele homem é pobre; este é influente, poderoso e conhecido pelas cidades e povos, aquele homem é desconhecido para a grande maioria e anônimo. Mas todos, em relação àquilo que importa – serem homens de bem – são iguais.

35. Os sentidos não decidem sobre coisas boas e más, eles não sabem o que é útil e o que não é útil.²⁴² Eles não podem registrar sua opinião a menos que sejam confrontados com um fato. Eles não podem ver o futuro nem se lembrar do passado e eles não sabem o que resulta do que. Mas é a partir desse conhecimento que uma sequência e sucessão de ações é tecida e uma unidade de vida é criada, uma unidade que prosseguirá em um curso reto. A razão, portanto, é o juiz do bem e do mal, o que é estrangeiro e externo, ela considera como escória e o que não é nem bom nem mau, ela julga como apenas acessório, insignificante e trivial. Pois todo o seu bem reside na alma.

36. Mas há certos bens que a razão considera primordiais, aos quais ela se dirige deliberadamente. Estes são, por exemplo, a vitória, filhos honestos e o bem-estar da pátria. Alguns outros considera secundários, estes se tornam manifestos apenas na adversidade, por exemplo, a equanimidade em suportar uma doença grave ou exílio. Certos bens são indiferentes, estes não são mais de acordo com a natureza do que contrários à natureza, como, por exemplo, um andar discreto e uma postura decente em uma cadeira. Pois sentar é um ato que não é menos de acordo com a natureza do que ficar em pé ou andar.

37. Os dois tipos de bens que são de ordem superior são diferentes: os primários são de acordo com a natureza, como a alegria derivada do comportamento obediente de seus filhos e do bem-estar de seu país. Os secundários são contrários à natureza, como a força moral em resistir à tortura ou na aceitação da sede quando a doença torna os órgãos vitais febris.

38. “*O que então*”, você diz; “*alguma coisa que é contrária à natureza pode ser um bem?*” Claro que não, mas aquela em que esse bem eleva-se a

sua origem é por vezes contrária à natureza. Por estarem feridos, esvaindo-se sobre uma fogueira, aflitos com má saúde, tais coisas são contrárias à natureza; mas é de acordo com a natureza que um homem preserve uma alma indomável em meio a tais aflições.

39. Para explicar brevemente o meu pensamento, o material com o qual o bem se relaciona às vezes é contrário à natureza, mas um bem em si mesmo nunca é contrário, pois nenhum bem existe sem razão e a razão está de acordo com a natureza. “*O que, então*”, você pergunta, “*é a razão?*” É seguir a natureza. “*E o que*”, você diz, “*é o maior bem que o homem pode possuir?*” É conduzir-se de acordo com o que a natureza deseja.

40. “*Não há dúvida*”, diz o opositor, “*que a paz proporciona mais felicidade quando não é atacada do que quando é recuperada a custo de grande matança. Também não há dúvida de que a saúde que não foi comprometida, oferece mais felicidade do que a saúde que foi restituída à solidez por meio da força, por assim dizer, e pela resistência ao sofrimento, depois de doenças graves que ameaçaram a vida em si. E, da mesma forma, não há dúvida de que a alegria é um bem maior do que a luta de uma alma para suportar até o fim os tormentos das feridas ou da tortura*”.

41. De modo algum, nada mais falso! Pois coisas que resultam do risco admitem ampla distinção, uma vez que são avaliadas de acordo com sua utilidade aos olhos daqueles que as experimentam, mas em relação aos bens, o único ponto a ser considerado é se eles estão de acordo com a natureza. E isso é igual no caso de todos os bens. Quando em uma reunião do senado nós votamos em favor da proposta de alguém, não pode ser dito “*A. está mais de acordo com a proposta do que B.*” Todos votam pela mesma proposta. Eu faço a mesma declaração com respeito às virtudes, todas elas estão de acordo com a natureza; e eu o faço em relação aos bens igualmente, estão todos de acordo com a natureza.

42. Um homem morre jovem, outro na velhice e outro ainda na infância, tendo desfrutado nada mais do que um simples vislumbre na vida. Todos eles foram igualmente sujeitos à morte, embora a morte tenha permitido a um avançar mais ao longo do caminho da vida, tenha cortado a vida do segundo em sua flor e quebrado a vida do terceiro em seu início.

43. Alguns recebem sua sentença na mesa do jantar. Outros prolongam seu

sono na morte. Alguns são eliminados durante conjunção carnal. Agora, compare essas pessoas com aquelas que foram perfuradas pela espada ou levadas à morte por cobras ou esmagadas em um desabamento ou torturadas até a morte pela torção prolongada de seus tendões. Algumas dessas partidas podem ser consideradas melhores, outras piores; mas o ato de morrer é igual em tudo. Os métodos de acabar com a vida são diferentes; mas o fim é um e o mesmo. A morte não tem graus maiores ou menores, pois tem o mesmo limite em todos os casos, o fim da vida.

44. A mesma coisa é verdade, asseguro-lhe, em relação aos bens. Você encontrará um em circunstâncias de puro prazer, outro em meio a tristeza e amargura. Uma pessoa controla bem os favores da Fortuna, a outra supera seus ataques. Cada um é igualmente um bem, embora um viaje em uma estrada plana e fácil e o outro, em uma estrada áspera. E o fim de todos eles é o mesmo: eles são bens, eles são dignos de louvor, eles acompanham a virtude e a razão. A virtude faz iguais entre si todas as coisas que toca.

45. Você não precisa duvidar que este é um dos nossos princípios; encontramos nos trabalhos de Epicuro dois bens, dos quais é composto o seu Bem Supremo ou bem-aventurança, isto é, um corpo livre de dor e uma alma livre de perturbação.²⁴³ Estes bens, se estiverem completos, não aumentam, pois como pode o que é completo aumentar? O corpo é, suponhamos, livre da dor, que aumento pode haver a essa ausência de dor? A alma é serena e calma, que aumento pode haver para esta tranquilidade?

46. Assim como o tempo bom, purificado no mais puro brilho, não admite um grau ainda maior de clareza; também um homem, quando cuida de seu corpo e de sua alma, tecendo a textura de seu bem de ambos, tem condição perfeita e atingiu a meta de suas orações se não há comoção em sua alma ou dor em seu corpo. Quaisquer que sejam os encantos que receba em relação a estas duas coisas não aumentam o seu Supremo Bem; eles simplesmente condimentam-no, por assim dizer, e acrescentam tempero a ele. Pois o bem absoluto da natureza do homem fica satisfeito com a paz no corpo e a paz na alma.

47. Posso mostrar-lhe neste momento nos escritos de Epicuro uma lista graduada dos bens, muito semelhante com a lista da nossa própria escola. Pois há algumas coisas, ele declara, que prefere receber, tais como descanso

corporal livre de qualquer inconveniente e relaxamento da alma enquanto se deleita na contemplação de seus próprios bens. E há outras coisas que, embora preferisse que não acontecessem, mesmo assim elogia e aprova, por exemplo, o tipo de resignação, em momentos de má saúde e sofrimento grave, os quais Epicuro exibiu naquele último e mais abençoado dia de sua vida. Pois ele nos diz que teve que suportar a excruciante agonia de uma bexiga doente e de um estômago ulcerado, sofrimento tão aguçado que não permitiria aumento da dor; “*E ainda,*” ele disse, “*aquele dia não foi menos feliz.*”²⁴⁴ E nenhum homem pode passar tal dia em felicidade a menos que possua o Bem Supremo.

48. Portanto, encontramos, até mesmo em Epicuro, bens que seriam melhor não experimentar que, no entanto, porque circunstâncias assim o decidem, devem ser acolhidos e aprovados e colocados ao nível dos bens mais elevados. Não podemos dizer que o bem que preencheu uma vida feliz, o bem pelo qual Epicuro deu graças nas últimas palavras que pronunciou, não é igual ao maior.

49. Permita-me, excelente Lucílio, pronunciar uma palavra ainda mais ousada: se qualquer mercadoria pudesse ser maior do que outras, eu preferiria aquelas que parecem acres às que são brandas e sedutoras, e as declararia maiores. Pois é uma conquista maior superar as barreiras do caminho do que manter a alegria dentro dos limites estreitos.

50. Exige o mesmo uso da razão, estou plenamente consciente, um homem suportar a prosperidade bem e também suportar a desgraça corajosamente. O homem que dorme em frente às muralhas sem medo de perigo quando nenhum inimigo ataca o acampamento pode ser tão corajoso quanto o homem que, quando os tendões de suas pernas são cortados, se levanta de joelhos e não solta suas armas. Mas é para o soldado manchado de sangue e que retorna da frente, que os homens clamam: “*Bem feito, herói!*” E por isso, eu devo conceder maior louvor aos bens que foram julgados e mostraram coragem e que lutaram contra a Fortuna.

51. Devo hesitar em dar maior elogio à mão mutilada e seca de Múcio do que à mão inofensiva do homem mais corajoso do mundo? Lá estava Múcio,²⁴⁵ desprezando o inimigo e desprezando o fogo e observando sua mão enquanto pingava sangue sobre o fogo no altar de seu inimigo, até que

Porsena, invejando a fama do herói a quem ele impingiu o castigo, ordenou que o fogo fosse removido contra a vontade de sua vítima.

52. Por que não devo considerar este bem entre os bens primários e julgá-lo como muito maior do que aqueles outros bens que são desacompanhados de perigo e não foram testados pela Fortuna? Pois é uma coisa mais rara superar um inimigo com uma mão perdida do que com uma mão armada. E então? Você diz, “*você deseja esse bem para si mesmo?*” Claro que sim. Pois esta é uma coisa que um homem não pode alcançar a menos que também a possa desejar.

53. Deveria eu desejar, em vez disso, que me permitam esticar os meus membros para que os meus escravos façam massagens, ou que uma mulher, ou um travesti efeminado, puxe as articulações dos meus dedos? Não posso deixar de acreditar que Múcio teve mais sorte porque manipulou as chamas tão calmamente como se estivesse estendendo a mão para o massagista. Ele havia aniquilado todos os seus erros anteriores, terminou a guerra desarmado e mutilado e, com aquele toco de uma mão, ele conquistou dois reis.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.



Notas:

238 NT: Trecho de [Eneida](#), de Virgílio, V, 334. O sentido da palavra “*virtus*” no texto de Virgílio não é virtude, mas sim coragem física, valor.

239 Sêneca não está falando aqui das três virtudes genéricas (físicas, éticas, lógicas), nem dos três tipos de bens (baseados na vantagem corporal) que foram classificados pela escola peripatética; Ele só está falando de três tipos de circunstâncias sob as quais o bem pode se manifestar. E no § 36 e seguintes ele mostra que considera apenas as duas primeiras classes como bens reais.

240 NT: O exército de Cipião montou dois acampamentos e construiu uma muralha de circunvalação à volta da cidade espanhola com sete torres a partir das quais seus arqueiros podiam atirar por cima da muralha numantina. Ele também represou o pântano vizinho e criou um lago entre a muralha da cidade e sua própria muralha. Para proteger seus acampamentos, Cipião construiu também muralhas exteriores (cinco no total). Para completar o cerco, Cipião isolou a cidade do rio Douro: nos pontos

onde o rio entrava e saía da cidade, pares de torres foram construídas e, entre os pares, cabos com lâminas foram estendidos através do rio para evitar a passagem de barcos e nadadores.

241 Touro de Fálaris, foi uma das mais cruéis máquinas de tortura e execução, cujo invento é atribuído a Fálaris, tirano de Agrigento. O aparelho era uma esfinge de bronze oca na forma de um touro mugindo, com duas aberturas, no dorso e na parte frontal localizada na boca. Após colocada a vítima em seu interior, a entrada da esfinge era fechada e posta sobre uma fogueira. À medida que a temperatura aumentava no interior do Touro, o ar ficava escasso e o executado procuraria meios para respirar, recorrendo ao orifício na extremidade do canal. Os gritos exaustivos do executado saíam pela boca do Touro, fazendo parecer que a esfinge estava viva.

242 Aqui, Sêneca está lembrando Lucílio, como muitas vezes faz nas cartas anteriores, que a evidência dos sentidos é apenas um degrau para ideias superiores – um princípio do epicurismo.

243 NT: Ver [Epicuro, Cartas e Princípios](#)

244 NT: Ver Diógenes Laércio, [Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres](#), livro X.

245 Caio Múcio Cévola (em latim: *Gaius Mucius Scaevola*). Logo depois da fundação da República Romana, Roma se viu rapidamente sob a ameaça etrusca representada por Lar Porsena. Depois de rechaçar um primeiro ataque, os romanos se refugiaram atrás das muralhas da cidade e Porsena iniciou um cerco. Conforme o cerco se prolongou, a fome começou a assolar a população romana e Múcio, um jovem patrício, decidiu se oferecer para invadir sorrateiramente o acampamento inimigo para assassinar Porsena. Disfarçado, Múcio invadiu o acampamento inimigo e se aproximou de uma multidão que se apinhava na frente do tribunal de Porsena. Porém, como ele nunca tinha visto o rei, ele se equivoca e assassina uma pessoa diferente. Imediatamente preso, foi levado perante o rei, que o interrogou. Longe de se intimidar, Múcio respondeu às perguntas e se identificou como um cidadão romano disposto a assassiná-lo. Para demonstrar seu propósito e castigar seu próprio erro, Múcio colocou sua mão direita no fogo de um braseiro aceso e disse: “Veja, veja que coisa irrelevante é o corpo para os que não aspiram mais do que a glória!”. Surpreso e impressionado pela cena, o rei ordenou que Múcio fosse libertado. Como reconhecimento, Múcio confessa que trezentos jovens romanos haviam jurado, assim como ele, estar prontos a sacrificar-se para matá-lo. Aterrorizado por esta revelação, Porsena teria baixado suas armas e enviado embaixadores a Roma.